UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

DANIELLA BISELLI SILVEIRA CLIVATTI

O PISA E O QUARTO PODER:
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS E OBJETIVAÇÕES DA MÍDIA SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Itatiba
2018

DANIELLA BISELLI SILVEIRA CLIVATTI – R.A. 002201600989

O PISA E O QUARTO PODER:
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS E OBJETIVAÇÕES DA MÍDIA SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Linguagens e Processos Interativos.

Orientadora: Prof.ª D.ra Marcia Aparecida Amador Mascia.

Itatiba
2018

301.153 Clivatti, Daniella Biselli Silveira.
C576p O PISA e o quarto poder : uma análise dos discursos e objetivações da mídia sobre a educação no Brasil / Daniella Biselli Silveira. Itatiba, 2018.
100 p.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.
Orientação de: Marcia Aparecida Amador Mascia.

1. Programa Internacional de Avaliação de Alunos. 2. Análise do Discurso. 3. Governamentalidade. 4. Mídia. 5. Indústria Cultural. I. Mascia, Marcia Aparecida Amador. II. Título.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco - USF
Ficha catalográfica elaborada por: Mayara Cristina Bernardino - CRB-08/9525

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

Daniella Biselli Silveira Clivatti defendeu a dissertação **"O PISA E O QUARTO PODER: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS E OBJETIVAÇÕES DA MÍDIA SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL"** aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 08 de fevereiro de 2018 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Luzia Bueno
Examinadora

Profa. Dra. Edilene Mizael de Carvalho Perboni
Examinadora

RESUMO

No atual cenário sociopolítico brasileiro, a discussão sobre o papel da mídia e sua possível influência sobre a formação de opinião das pessoas tem sido cada vez mais presente. Este trabalho nasce a partir do questionamento sobre como a mídia constrói as subjetividades contemporâneas a respeito da educação no Brasil, pela perspectiva da análise de discurso de linha francesa na interface dos estudos foucaultianos. A partir dessa pergunta de pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral deste trabalho contribuir para uma reflexão sobre os possíveis efeitos de sentido veiculados pela mídia, problematizando como atua na construção de jogos de verdade do PISA Brasil, além de levantar os modos de objetivação/subjetivação que são materializados linguística e imageticamente em suas publicações. O *corpus* escolhido para tal reflexão são duas reportagens publicadas na Revista Veja, que se utilizam da metáfora de jogo para discorrer sobre o desempenho do país no *Programme for International Student Assessment* (PISA), do qual participam mais de 70 países. Mais do que divulgar os resultados e problematizar sobre o futuro dos jovens brasileiros, as reportagens comparam o país com outros tidos como mais desenvolvidos, sem a contextualização socioeconômica que seria necessária para justificar tamanha diferença nos resultados, promovendo uma verdadeira disputa não apenas nos termos e expressões escolhidos, mas sobretudo nas imagens que complementam o texto. Com o olhar foucaultiano acerca do discurso, da relação entre poder e saber, das tecnologias disciplinares e dos modos de subjetivação, a análise aponta a mídia como um dos instrumentos de objetivação que corrobora com a construção de memórias discursivas sobre o atual cenário da educação brasileira.

Palavras-chave: PISA; Governamentalidade; Análise de discurso; Mídia; Indústria Cultural.

ABSTRACT

In the current Brazilian sociopolitical scenario, the discussion about the role of the media and its possible influence on the formation of people's opinions has been increasingly present. This work is born from the questioning about how the media constructs the contemporary subjectivities, from the perspective of French discourse analysis in the interface of the Foucaultian studies. Based on this research question, it was established as a general objective of this research to contribute to a reflection on the possible effects of meanings conveyed by the media, problematizing how it acts in the construction of real games of PISA Brazil, besides raising the modes of objectification / subjectivation that are materialized linguistically and optically in their publications. The corpus chosen for such reflection are two articles published in Veja Magazine, which use the game metaphor to discuss the performance of Brazil in the Program for International Student Assessment (PISA), in which more than 70 countries participate. Rather than disseminating the results and questioning the future of Brazilian youth, the reports compare the country with others considered as more developed, often without the socioeconomic contextualization that would be necessary to justify such a difference in results, promoting a real dispute not only in the terms and expressions, but also in the images that complement the text. In the Foucaultian view of discourse, the relation between power and knowledge, disciplinary technologies and modes of subjectivation, the analysis points to the media as one of the instruments of objectification which corroborates the construction of discursive memories about the current scenario of education in Brazil.

Keywords: PISA; Governmentality; Discourse analysis; Media; Cultural Industry.

Aos meus amados marido e filhos,

Luiz Eduardo, Luiza e Leonardo, razões do meu existir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos professores e responsáveis pelo Mestrado em Educação da Universidade São Francisco, pela dedicação e propósito de transformar o mundo, acreditando e investindo nos indivíduos.

À minha orientadora Profa. D.ra Marcia Mascia, pela cumplicidade, generosidade, apoio, incentivo e disponibilidade ao longo de toda jornada.

À professora D.ra Maria de Fátima Bueno, por provocar em mim, desde o primeiro instante, uma inquietude infindável pela certeza do não-saber.

Aos colegas do Mestrado, por compartilharem suas experiências e expectativas de vida, inspirando e tornando os dias mais leves e divertidos.

Ao meu gerente Sergio Roberto Santi, pela oportunidade de expandir os horizontes, além do apoio e cumplicidade para viabilizar a continuidade dos meus estudos.

A todos os amigos colegas de trabalho, por me incentivarem e acreditarem que eu conseguiria, sobretudo nos momentos em que eu mesma duvidei.

Aos meus pais e irmãs, por me proporcionarem crescer com um olhar diferenciado sobre o próximo e a vida, sempre presentes pelo diálogo e apoio incondicional. À minha mãe, Patricia, um agradecimento especial por doar seu tempo e energia para preencher meu coração com carinho, fé e amor.

Ao meu marido Luiz Eduardo, companheiro de caminhada, por não me deixar hesitar, por me alimentar o corpo e a alma para que eu pudesse perseverar e por compartilhar comigo o sonho de construirmos um mundo diferente para nossa família. A ele e meus filhos, Luiza e Leonardo, estrelas que me iluminam, a minha gratidão pela compreensão nos momentos de ausência e o meu amor incondicional.

“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”
Guimarães Rosa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

INFOGRÁFICO 1 – Audiência da Revista Veja por gênero. 49
GRÁFICO 1 – Audiência da Revista Veja por idade. 49
GRÁFICO 2 – Audiência da Revista Veja por classe social. 49
GRÁFICO 3 – Frequência de veiculação de reportagens sobre o PISA na versão impressa da Revista Veja. 51
FIGURA 1 – Capa da edição 2479 da Revista Veja, de 25 de maio de 2016. 54
FIGURA 2 – Índice da edição 2479 da Revista Veja, de 25 de maio de 2016. 56
FIGURA 3 – Destaque ampliado da citação da reportagem-alvo desta análise dentro do índice da Revista Veja. 57
FIGURA 4 – Representação de como as páginas 94 e 95 estão diagramadas na versão impressa da edição 2479 da Revista Veja, de 25 de maio de 2016. 58
FIGURA 5 – Imagem que representa a versão impressa da matéria “Fora do Jogo”, da Revista Veja. 59
FIGURA 6 – Título da reportagem “Fora do Jogo”, da versão impressa da Revista Veja. 62
FIGURA 7 – Subtítulo (ou gravata) da reportagem “Fora do Jogo”, da versão impressa da Revista Veja. 62
FIGURA 8 – Charge que ilustra a reportagem “Fora do Jogo”, da versão impressa da Revista Veja. 63
FIGURA 9 – Apresentação do texto da reportagem “Fora do Jogo”, na versão impressa da Revista Veja. 65
FIGURA 10 – Capa da edição 2351 da Revista Veja, de 11 de dezembro de 2013. 67
FIGURA 11 – Índice da edição 2351 da Revista Veja, de 11 de dezembro de 2013. 68
FIGURA 12 – Destaque ampliado da citação da reportagem-alvo desta análise dentro do índice da Revista Veja. 69
FIGURA 13 – Imagem que representa as páginas 180 e 181 da versão impressa da reportagem “Está faltando fôlego”, da Revista Veja. 70
FIGURA 14 – Imagem que representa as páginas 182 e 183 da versão impressa da reportagem “Está faltando fôlego”, da Revista Veja. 71

FIGURA 15 – Título da reportagem “Está faltando fôlego”, da versão impressa da Revista Veja. 75
FIGURA 16 – Subtítulo (ou gravata) da reportagem "Está faltando fôlego", da versão impressa da Revista Veja. 76
FIGURA 17 – Desenho que ilustra as páginas 180 e 181 da reportagem "Está faltando fôlego", da Revista Veja. 77
FIGURA 18 – Fotografias e infográfico que ilustram as páginas 182 e 183 da reportagem "Está faltando fôlego", da Revista Veja..... 79
FIGURA 19 – Ampliação da fotografia que representa o estudante chinês. 80
FIGURA 20 – Ampliação da fotografia que representa o estudante brasileiro. 81
FIGURA 21 – Infográfico comparando o desempenho no PISA de estudantes brasileiros e chineses. 82
FIGURA 22 – Infográfico que compara o desempenho do Brasil no PISA 2009 e 2012. 83

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Média geral do Brasil no PISA de 2000 a 2015. 43
TABELA 2 – Média geral do Brasil e média geral dos países membros da OCDE no PISA 2015. 43

SUMÁRIO

MEMORIAL **13**
INTRODUÇÃO **15**
1 CONHECENDO O ADVERSÁRIO: O PAPEL DA MÍDIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO **18**
1.1 A INDÚSTRIA CULTURAL 19
1.2 A CULTURA DE MASSA 21
2 AS REGRAS DO JOGO: DISCURSO, SUJEITO E GOVERNAMENTALIDADE **25**
2.1 O DISCURSO 25
2.2 O SUJEITO 28
2.3 A GOVERNAMENTALIDADE E OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO 31
3 AMISTOSO OU COMPETIÇÃO? O PISA NO BRASIL E NO MUNDO **35**
3.1 CONCEITOS E OBJETIVOS 35
3.2 O PISA NO BRASIL 41
4 ESQUEMA TÁTICO: CONTEXTO DE PRODUÇÃO **45**
4.1 ANÁLISE DO DISCURSO E MÍDIA 45
4.2 LEVANTAMENTO DO *CORPUS* 46
4.3 A REVISTA VEJA 47
4.3.1 Análise quantitativa e algumas considerações 50
5 COMEÇA A PARTIDA: ANÁLISE DO DISCURSO DO PISA NA REVISTA VEJA **52**
5.1 REPORTAGEM "FORA DO JOGO" – REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2479, 25 DE MAIO DE 2016 52
5.1.1 A capa 53
5.1.2 O índice 55
5.1.3 Posição na revista 57
5.1.4 Apresentação da reportagem 58
5.1.5 Transcrição do texto na íntegra da reportagem 60

5.1.6 O título 62
5.1.7 A introdução 62
5.1.8 A imagem 63
5.2 REPORTAGEM "ESTÁ FALTANDO FÔLEGO" – REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351, 11 DE DEZEMBRO DE 2013 65
5.2.1 A capa 66
5.2.2 O índice 68
5.2.3 Apresentação da reportagem 69
5.2.4 Transcrição do texto na íntegra da reportagem 72
5.2.5 O título 75
5.2.6 A introdução 76
5.2.7 A ilustração das páginas 180 e 181 77
5.2.8 As fotografias e infográficos das páginas 182 e 183 78
5.2.9 O texto 84
5.3 RELAÇÃO ENTRE AS ANÁLISES 85
PLACAR DO JOGO: CONSIDERAÇÕES FINAIS 86
REFERÊNCIAS 89
APÊNDICES 94
APÊNDICE 1 – CATALOGAÇÃO DE REPORTAGENS DA REVISTA VEJA QUE CITAM O PISA, DESDE SUA PRIMEIRA CITAÇÃO 94
ANEXOS 99
ANEXO 1 – CARACTERÍSTICAS DA AVALIAÇÃO DO PISA 2015 99

MEMORIAL

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que nasceu antes mesmo de sua autora tornar-se mestranda. A semente foi plantada, regada e iluminada pela professora orientadora Márcia Aparecida Amador Mascia, que generosamente compartilhou comigo uma inquietude que a acompanhava desde o seu pós-doutorado: de que forma a mídia interpreta e divulga o desempenho do Brasil no PISA. Sem saber muito bem, pois ainda estávamos começando a nos conhecer, tive a sorte de receber a proposta certa, no momento perfeito. E vou explicar por quê.

Nasci em Curitiba-PR em 1985. Além da escola tradicional, frequentava aulas de piano, francês, artes, fazia diferentes tipos de dança e me profissionalizei como atriz. Sempre gostei de me sentir multidisciplinar e naquela fase costumava alimentar sonhos que, meus pais já sabiam, na vida real não seriam tão fáceis de se realizar. Apresentei-me em praças, escolas e ruas do Brasil inteiro com a trupe de Comédia dell'Arte, ganhamos prêmios em todos os festivais dos quais participamos, além das gorjetas pingadas dentro do chapéu, porém o que sobrava para cada um, após pagas as despesas, não era suficiente para pagar as minhas contas básicas, sequer para os outros sonhos que alimentava, como ter uma família, por exemplo.

Por incentivo e insistência de meus pais, então, comecei a buscar uma profissão "normal": como sempre tive muita facilidade com língua portuguesa e redação, escolhi fazer Comunicação Social – Jornalismo em uma faculdade particular, porque me apaixonei pela sua infraestrutura e grade curricular. A condição para que meus pais me ajudassem a pagar a mensalidade era que eu também prestasse vestibular na Universidade Federal do Paraná, onde optei pelo curso de Letras – Português/Italiano. No último ano, para poder estagiar em Jornalismo e me dedicar ao trabalho de conclusão de curso, tranquei a faculdade de Letras, acreditando que a retomaria mais tarde.

O sonho de ser atriz a essa altura ficara em segundo plano, mas permaneci com uma vontade enorme de transformar o mundo e fazer algo que melhorasse a vida das pessoas. E essa é uma das premissas do jornalismo, afinal aprendi na faculdade que "saber é poder". Na prática das redações em que estagiei, porém, a realidade não era exatamente essa, e descobri que o poder é que determinava o que era preciso que os outros soubessem. Foi então que decidi que o meu TCC seria embasado no conceito de educomunicação, afinal, o que pode ser mais transformador na vida de uma pessoa do que a educação? E aí ficou ainda mais evidente a contribuição da minha

formação multidisciplinar: no dia seguinte à minha colação de grau eu começaria a trabalhar dentro de um grande grupo educacional, produzindo as notícias para os sites de colégios e faculdades.

Dentro da empresa, novos conhecimentos tornaram-se necessários: tecnologia, comunicação digital, gestão de projetos, gestão de pessoas… e a grande oportunidade, diante da qual eu não poderia recuar, mesmo sem ainda conseguir dimensionar exatamente para onde isso iria me levar. O convite para ingressar no Mestrado partiu do meu gerente, e no dia seguinte já era a data limite para efetivar a inscrição. Escrevi uma proposta de pesquisa para aquilo que era o mais óbvio no momento para mim: algo que pudesse unir tecnologia e educação, afinal esse era o meu dia a dia profissional. Mas o que eu de fato ainda não sabia era que um grande e intenso processo de desconstrução de toda essa minha formação estava prestes a acontecer.

Já na primeira disciplina fiquei completamente sem chão, pois fui tocada profundamente pelas provocações trazidas pela Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães acerca do ofício do historiador. Com a leitura de Marc Bloch, comecei a compreender que fatos, memórias e opiniões se fundem num tempo contínuo e re(des)constroem o que acreditamos serem verdades historicamente consolidadas. Eu não estava preparada para isso: ninguém havia me avisado que um mestrado, sobretudo na área de Educação, causaria tamanho deslocamento e faria a máxima "só sei que nada sei" ter mais sentido do que nunca. Comecei a questionar minha própria história, despojei-me de mim mesma. Para conseguir passar por esse turbilhão, então, não vi escolha senão mergulhar e me entregar por completo ao que estava por vir.

E talvez por isso eu tenha sido agraciada com aquela proposta certa, no momento perfeito, que motivou todo esse texto que você acaba de ler. A sugestão de pesquisa feita pela minha orientadora estava longe daquela ideia esboçada inicialmente para ingressar no Mestrado, até porque ela já não fazia mais nenhum sentido. A nova proposta foi a convergência perfeita entre aquelas coisas nas quais investi durante minha formação. Esse desafio é apenas o primeiro passo para que eu possa finalmente entender de que forma reunir e ressignificar os pedaços da minha formação multidisciplinar e, sobretudo, ter um novo olhar sobre qualquer horizonte que se mostre possível daqui para frente.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu de um convite da orientadora deste trabalho que, ao longo de seu pós-doutorado sobre o PISA Brasil, permaneceu com um questionamento: de que forma a mídia aborda e divulga esse tema? Uma breve busca demonstra que, de maneira geral, o assunto é de interesse sazonal para os grandes veículos de comunicação, ganhando bastante visibilidade na semana que sucede a divulgação dos resultados do país. Poucos são os canais que lembram disso ao longo dos anos de intervalo entre uma e outra edição (que acontecem a cada três anos) e, quando surge, o "gancho" que traz o PISA novamente à tona comumente são os discursos de cunho político que intendem propostas e revoluções para o sistema educacional.

O ineditismo dessa pesquisa está, portanto, na inquietude de buscar compreender como e porque o assunto surge dessa maneira na mídia nacional e internacional e, sobretudo, como e porque ele não surge em diferentes contextos. A questão que mobiliza esta pesquisa é: como a mídia constrói as subjetividades contemporâneas em educação no Brasil?

O objetivo geral deste trabalho é, então, contribuir para uma reflexão sobre os possíveis efeitos de sentido veiculados pela mídia. Entre os objetivos específicos estão: analisar duas reportagens da Revista Veja, problematizando como atuam na construção de jogos de verdade do PISA Brasil; levantar os modos de objetivação/subjetivação veiculados por essas referidas reportagens; mostrar como os modos de objetivação/subjetivação se materializam linguística e imageticamente nessas reportagens.

Ao apresentar o que embasa e contextualiza essa análise, porém, é importante esclarecer e justificar ao leitor o porquê da escolha de nomear os capítulos com expressões que remetem ao meio esportivo. Em virtude de o resultado após a realização do PISA ser divulgado em forma de *ranking*, observou-se uma característica comum entre alguns dos textos da mídia brasileira sobre o assunto: o uso da metáfora de jogo, colocando claramente os países participantes em uma atmosfera de competição e disputa, como veremos mais detalhadamente nas análises propriamente.

A partir disso, portanto, não por acaso propõe-se um "jogo" de palavras em que convidamos o leitor a brincar com essa questão da competição. O primeiro capítulo foi intitulado como "Conhecendo o adversário", apresentando a mídia como uma espécie de adversária do

sujeito, já que uma das reflexões propostas nessa pesquisa é a sua potencial influência sobre o processo constitutivo dos indivíduos. Partindo-se do pressuposto de que a mídia materializa versões ou pontos de vista sobre determinados acontecimentos e assuntos, acredita-se que essa veiculação pode construir efeitos de sentido atrelados a determinados regimes de verdade que objetivam os indivíduos espectadores (consumidores) destes conteúdos divulgados.

O embasamento sobre o papel da mídia, nesse contexto, acontece a partir de autores como Armand Mattelart (2005), que discorre sobre a cultura de massa, além de seus precursores da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer (1985), com a teoria crítica que passou a apontar os meios de comunicação como instrumentos de dominação política, ao que denominaram indústria cultural, entre outros pensadores que discutem a comunicação no contexto da globalização.

O segundo capítulo, por sua vez, vem situar essa pesquisa no contexto da Análise de Discurso de linha francesa, cujos teóricos entram como os juízes que ajudam a estabelecer e esclarecer "As Regras do Jogo", com o embasamento de como se dá esse processo de assujeitamento a partir das definições de discurso e sujeito a partir de Pêcheux (2012), que coloca o indivíduo como resultado de um processo histórico-social e influenciado ideologicamente, o que (trans)forma o seu discurso.

Nesse momento, a obra de Michel Foucault (1979, 1995, 2004, 2006, 2014) também ganha relevância, pois contribui com a discussão acerca da relação entre poder e saber, dos conceitos de governamentalidade e modos de objetivação e subjetivação, o que insere a pesquisa no Grupo de Pesquisa Estudos Foucaultianos e Educação, liderado pela professora Márcia Aparecida Amador Mascia e certificado pelo CNPq.

Sobre Foucault, cabe ressaltar que seus estudos sobre como o indivíduo é transformado em sujeito, e sua busca sobre "como" e "por que" os saberes e verdades emergem e submergem em nossa sociedade, dentro do que ele denomina "regimes de verdade", estão entre os principais fatores que inspiraram essa pesquisa.

O terceiro capítulo ganha o título de "Amistoso ou Competição", pois ao apresentar os conceitos do PISA e sua aplicação no Brasil e no mundo, propõe a reflexão sobre quais são seus objetivos, e como ela é tratada pelos países e órgãos envolvidos em sua realização: é uma competição de fato ou o intuito seria o de um "amistoso", em que as diferenças entre os times acabam sendo apontadas para que ambos cresçam e melhorem seus desempenhos?

O contexto de produção da pesquisa é trabalhado no “Esquema tático”, capítulo 4, porque é quando se fala da estratégia que foi adotada efetivamente, ou seja, como o “jogo será jogado”. Nesse momento apresenta-se o *corpus* que foi levantado para esse estudo, compreendendo reportagens sobre o PISA Brasil publicadas nos mais diversos meios de comunicação, desde os grandes veículos até *blogs* especializados, brasileiros ou não, desde o ano 2000, quando aconteceu a primeira edição do programa. Após esse levantamento, foram selecionados dois dos maiores veículos de comunicação impressa do país para uma catalogação completa de todas as reportagens em que o assunto foi mencionado, e a peculiaridade da metáfora de jogo prevalecer em duas delas acabou por facilitar a seleção.

No capítulo cinco, finalmente, como o próprio título sugere, “Começa a partida” e o leitor pode ver a análise discursiva aplicada às duas reportagens selecionadas, buscando levantar os efeitos de sentido que são construídos e veiculados sobre o desempenho do país nas avaliações.

Por último, são as considerações finais simbolizadas pelo “Placar do jogo”, momento em que propomos olhar para onde nos levou o caminho percorrido até então. Ao invés de julgamentos e conclusões, vale ressaltar, longe de se considerar o ponto de chegada, o que se pretende com essa pesquisa é estender os olhares para os possíveis efeitos de sentido veiculados pela mídia, convidando os demais pesquisadores e interessados a aceitarem o desafio de jogar novas partidas em busca de conquistas para a Educação no Brasil.

1 CONHECENDO O ADVERSÁRIO: O PAPEL DA MÍDIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Muito se questiona a respeito do papel da mídia e sua influência sobre as opiniões formadas nos diferentes grupos sociais a respeito dos mais diversos assuntos da sociedade. É recorrente em estudos e pesquisas sobre a imprensa encontrarmos a denominação de "o quarto poder"[1], pois os veículos de comunicação muitas vezes são apontados como responsáveis por divulgar de maneira tendenciosa os acontecimentos, favorecendo determinadas conclusões em detrimento de outras. Mas a grande questão que será desenvolvida ao longo deste capítulo, começando pelos pensadores da Escola de Frankfurt, é: será mesmo esse o papel que a mídia exerce no mundo contemporâneo?

Antes, porém, faz-se necessária uma imersão em algumas discussões sobre os meios de comunicação e o papel que vêm desempenhando na sociedade. Um dos inspiradores para os tópicos que seguem é Umberto Eco, que publicou nos anos 70 uma coletânea de ensaios que abordava o controverso tema da indústria cultural. Segundo o escritor, o assunto dividia opiniões entre aqueles que veem no sistema de distribuição de produtos culturais um reforço indiscutível da alienação do indivíduo – os apocalípticos – e os que enxergam na mediação capitalista uma evolução natural da sociabilidade, e até aceitam possibilidades revolucionárias dessa chamada cultura de massa (ECO, 1974).

Cabe ressaltar, porém, que não é o objetivo aqui discorrer acerca da história da comunicação de maneira geral, mas sim trazer para a superfície algumas das circunstâncias que justificam o protagonismo da mídia no contexto da presente análise.

[1] Termo que faz referência aos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário) presentes no modelo do governo republicano brasileiro.

1.1 A INDÚSTRIA CULTURAL

Da Escola de Frankfurt, os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, em seu livro-chave "Dialética do Esclarecimento" (1985), abordam a modernidade a partir da contradição entre o impulso de esclarecimento e o pensamento mítico, apontando a existência desse problema na gênese social, além da análise contundente de dois fenômenos, intimamente ligados, cuja presença é sentida até hoje: a indústria cultural e o totalitarismo.

Inspiradores da chamada teoria crítica, o pensamento dos autores faz uma apreciação da filosofia da ciência em contraposição ao desenvolvimento tecnológico da modernidade, e sua visibilidade no século XX. Dentre os aspectos analisados, ganha importância a produção de bens culturais sob o impacto do capitalismo monopolista, com a cristalização do termo "indústria cultural", cunhado pelos filósofos para designar a produção de bens simbólicos numa lógica de aparente convergência entre os pensamentos universal e particular, “quando, na verdade, tal sistema é um poderoso instrumento para – simultaneamente – gerar lucros e exercer um tipo de controle social” (DUARTE, 2017).

A discussão inicial que o livro de Adorno e Horkheimer traz é sobre o declínio da religião no mundo ocidental com o avanço dos processos de racionalização. Fato que, segundo eles, só não resultou em um caos cultural porque os meios de comunicação, como o cinema, o rádio e as revistas teriam assumido o papel de dar à população uma referência coletiva (até então atribuído à religião).

O autor Teixeira Coelho (2006) complementa, em análise posterior, que com o estabelecimento dessa nova forma de se construir e consumir cultura,

> [...] o indivíduo e o desenvolvimento da personalidade viram-se marginalizados no processo de desenvolvimento do capitalismo – produtor, acima de tudo, da reificação e alienação das pessoas. […] Sem essa passagem pelo desenvolvimento do indivíduo, toda opinião pública não passa de falsa opinião de massa (COELHO, 2006, p. 91-92).

Naquele momento, portanto, os meios de comunicação emergem pela primeira vez enquanto possíveis instrumentos de dominação social, pois o conhecimento enquanto

esclarecimento deu lugar ao conhecimento técnico, especializado, dominado. E sobre isso, escrevem os autores:

> Não alimentamos nenhuma dúvida (...) de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranóia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Em contraposição ao pensamento atual supracitado, os filósofos escolhem o termo "esclarecimento" para intitular sua obra (em alemão "*Dialektik der Aufklarüng*"), fazendo uma referência direta ao Iluminismo, quando se evidenciava a conquista da autonomia pelo conhecimento racional – e momento no qual a imprensa era tida como instrumento político, capaz de despertar o senso crítico.

Para exemplificar essa mudança de perspectiva acerca do esclarecimento, Adorno e Horkheimer recorrem à mitologia grega, com a figura de Ulisses, o rei de Ítaca. Após ter lutado durante dez anos na guerra de Tróia, ele leva outros dez para voltar à terra natal. No retorno, enfrenta uma série de infortúnios naturais e sobrenaturais, como a sedução das sereias, o encantamento dos feiticeiros e as ameaças de monstros. Ao longo do percurso, procura salvar a tripulação de seu navio, tarefa que não consegue cumprir de forma plena. Ulisses destaca-se, porém, por desafiar todos esses perigos, negando seus próprios instintos, momento em que encarna o esclarecimento.

É dentro da esfera do trabalho alienado, sem espaço para a reflexão, que o mito de Ulisses é novamente retomado. Em um dos trechos da "Dialética do Esclarecimento", os autores associam a privação de Ulisses ao controle que a sociedade capitalista tem sobre os trabalhadores. Para que eles não se desviem do trabalho, são privados do conhecimento:

> A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se convertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47).

Um outro estágio da "regressão das massas" é o que Adorno e Horkheimer conceituam como indústria cultural, já citada anteriormente. Para os autores, é ela que, por meio de seus produtos destituídos de qualquer elemento artístico, mas alçados à categoria de arte, representa a afirmação do discurso dominante da sociedade, capaz de destruir o senso crítico e subjugar a consciência social.

A indústria cultural sob essa perspectiva gera entretenimento e alienação, além de apresentar uma estetização da política. De acordo com Coelho, “procurando a diversão, a indústria cultural estaria mascarando realidades e fornecendo ocasiões de fuga da realidade” (COELHO, 2006, p. 23). Ao apresentar a realidade pela ótica da diversão, o questionamento é neutralizado, pois para divertir-se é preciso estar de acordo. “Divertir-se significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é sua própria base” (ADORDO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

1.2 A CULTURA DE MASSA

A pesquisadora e professora Cristina Costa (2002), em seu livro “Ficção, comunicação e mídias”, defende que, apesar de a indústria cultural ter se estabelecido como tal a partir do século XIX, a cultura de massa já se delineava desde os circos, óperas, folhetos e almanaques que precederam esse período:

> O processo de constituição dessa cultura de massa foi lento e dependeu de inúmeros fatores, como o desenvolvimento das nações e a necessidade de criar entre os cidadãos um sentimento de pertencimento conhecido por nacionalismo. Fator igualmente forte foi o desenvolvimento tecnológico – não só da prensa

> como das fábricas de papel e da energia elétrica, que tornou as cidades mais seguras e as noites propícias ao entretenimento (COSTA, 2002, p. 40).

Mais do que determinar a data de nascimento da cultura de massa, então, o que se pretende é compreender de que forma a mídia se desenvolveu e que fatores a fizeram ser considerada por muitos um instrumento de poder.

Em oposição à visão dos "apocalípticos" da teoria crítica, comentada na seção anterior, surgia nos Estados Unidos e Europa teóricos que entendiam os novos processos de circulação de ideias e formação de identidade dos indivíduos como um meio eficaz de promover a democracia como modelo ideal no imaginário dos grupos sociais (ECO, 1974). Para os "integrados", os meios de comunicação eram apenas os "suportes" da informação e, embora a comunicação não tenha sido o objeto específico de estudo dos frankfurtianos, pode-se considerá-la como a área de circulação da indústria cultural.

O sociólogo Armand Mattelart (2005), em seu capítulo "Indústria cultural, ideologia e poder", aponta o filósofo Herbert Marcuse como o personagem de maior destaque da Escola de Frankfurt. Para ele, o crítico pretendia:

> […] desmascarar as novas formas de dominação política: sob a aparência de um mundo cada vez mais modelado pela tecnologia e pela ciência, manifesta-se a irracionalidade de um modelo de organização da sociedade que subjuga o indivíduo, em vez de libertá-lo. A racionalidade técnica, a razão instrumental reduziram o discurso e o pensamento a uma dimensão única, que promove o acordo entre a coisa e sua função, entre a realidade e a aparência, a essência e a existência. Essa "sociedade unidimensional" anulou o espaço do pensamento crítico (MATTELART, 2005, p. 81).

Ainda de acordo com o autor, a partir de 1975, o foco dos pesquisadores deixa de ser a indústria cultural e passa a ser "as indústrias culturais", pois acreditam que a produção de valor a partir da arte e da cultura (o que ele chama de "mercadoria cultural") não respondem a uma única lógica, mas é um composto de elementos que atendem aos diversos segmentos da indústria cultural pelo capital, o que se traduz e, ao mesmo tempo, reflete-se na maneira com que os diversos setores e organizações produzem e distribuem seus produtos, serviços e conteúdo, e principalmente na forma pela qual os consumidores ou usuários se apropriam destes.

O sociólogo Paul Lazarsfeld (1948) também coloca em dúvida a perspectiva de que a recepção ao processo comunicativo é indiferenciada. Em oposição à Teoria Crítica de Adorno, o

austríaco acredita que cada indivíduo é capaz de procurar um meio de comunicação cujo conteúdo mostre compatibilidade às suas convicções e modos de ver. A partir desse olhar, o sociólogo acredita então que o público tem capacidade de escolher e decidir na formação do imaginário. A partir de seus estudos sobre a formação de opinião pública, Lazarsfeld formulou a ideia de que a comunicação de massa passa pelo "*two step flow*", ou seja, as informações transmitidas pelos meios não influenciariam o público diretamente, passando por um "grupo primário" de formadores de opinião que recebem, processam e repassam a informação aos demais indivíduos (1948). Para Lazarsfeld, porém, o volume de informações pode levar ao alheamento: superinformação leva à desinformação global (1975).

De maneira positiva ou negativa, sendo usada para disseminar o "bem" ou o "mal", o fato é que a mídia exerce um forte poder sobre os indivíduos:

> […] é inegável que ela [a mídia] desempenha, claramente, um papel-chave na batalha para ganhar as mentes e corações dos segmentos sociais que, no Brasil ao menos, formam o que se chama de opinião pública (ROSSI, 2000, p. 8).

Embora estabelecida na primeira metade do século XX, a crítica à mídia da Escola de Frankfurt ainda pode fornecer dados importantes para a observação da imprensa. Décadas depois da publicação das formulações de Adorno e Horkheimer, o sistema de produção dos bens simbólicos e culturais ainda funciona sob a lógica capitalista, conforme indicaram. O dado novo é que, diferentemente do que ocorria na época em que os autores publicaram a "Dialética do Esclarecimento", a indústria da mídia era considerada menos importante que diversos setores da economia. Atualmente, impulsionada pela tecnologia e pela lógica de mercado, é certamente um setor que, além de lucrativo, teve sua visibilidade ampliada quando se percebeu enquanto instrumento que pode modificar as relações entre conhecimento, política e mídia.

De acordo com a pesquisadora Eleonora de Magalhães Carvalho (2013), o modelo de jornalismo praticado e percebido hoje no Brasil está bem distante daquele neutro e apartidário, idealizado nos Estados Unidos e ensinado ainda hoje nas universidades brasileiras:

> A adaptação do modelo anglo-americano de jornalismo, na década de 50, trouxe para as redações brasileiras as noções de profissionalismo defendidas por nossos vizinhos do norte, o que inclui a classificação da notícia como relatos isentos de opinião. Porém, se nos EUA os jornais se colocam como mediadores entre o governo e o público, e reivindicam para si o papel de promotores das

> informações de modo objetivo e imparcial, no Brasil houve uma "leitura muito particular da retórica americana do Quarto Poder", como afirma Albuquerque (CARVALHO, 2013, p. 5).

A autora considera, então, que o conceito de imparcialidade não é inerente ao exercício do jornalismo brasileiro, mas sim algo que veio sendo construído e modificado ao longo do tempo, mas sob circunstâncias completamente distintas daquelas que fizeram esse conceito se consolidar nos EUA: "[No Brasil] não havia uma sólida economia de mercado, uma cultura individualista, ou uma política cultural que validasse a liberdade de imprensa e, portanto, o desenvolvimento de nossa imprensa deu-se de forma particular" (CARVALHO, 2013, p. 8). Ainda de acordo com a pesquisadora, os jornalistas brasileiros:

> [...] mais do que simplesmente servir como canal de comunicação entre os poderes (e destes com os cidadãos), reivindicaram o papel de árbitros dos conflitos que se estabeleceram entre as instituições políticas e de intérpretes privilegiados do interesse nacional (CARVALHO, 2013, p. 5-6).

Sob essa perspectiva, é possível retomar a pergunta feita no início deste capítulo: qual é o papel que a mídia exerce no mundo contemporâneo? Neste contexto de pesquisa, a mídia surge como uma grande adversária da Educação brasileira, pela forma como aborda o assunto no que diz respeito ao seu desempenho no PISA, conforme será exposto nos capítulos seguintes.

A partir dessa nova forma de construir e difundir informações, o presente capítulo justifica-se como essencial para a abertura da discussão que vem a seguir: como se dá o processo de constituição do sujeito, em sua relação com o saber? Sob a luz dos teóricos Pêcheux e Foucault, grandes nomes da análise de discurso de linha francesa, no capítulo que segue buscaremos problematizar agora o papel do indivíduo nesse processo de consumo e apropriação que o torna e transforma em sujeito.

2 AS REGRAS DO JOGO: DISCURSO, SUJEITO E GOVERNAMENTALIDADE

Em uma pesquisa que tem como alicerce a análise do discurso é primordial situar sob qual perspectiva ela será assumida, posto que há inúmeros trabalhos sendo desenvolvidos no meio acadêmico utilizando tal conceito. O presente capítulo, então, propõe discorrer sobre o imbricamento entre a constituição do sujeito e o discurso que, por sua vez, vem embarcado pela relação intrínseca entre poder e saber.

Essa investigação começa com a leitura daquele considerado o fundador da Análise de Discurso de linha francesa, o filósofo Michel Pêcheux, que se debruçou sobre esse assunto inicialmente relacionando-o quase que diretamente à perspectiva Marxista da luta de classes. Porém, com toda essa expansão da mídia – recém exposta no capítulo anterior deste trabalho – aliada às novas relações de trabalho dentro de um contexto de globalização, um novo panorama econômico começou a se delinear, e foi a partir desse cenário que Pêcheux iniciou uma fase de estudos que culminou em seu livro "Discurso: estrutura ou acontecimento", que será utilizado para introduzir reflexões sobre o que pode estar nas entrelinhas dos enunciados.

Na sequência, os conceitos destacados da obra de Pêcheux vão dialogar também com a perspectiva de seu conterrâneo Michel Foucault, que adiciona à analise discursiva o olhar sobre o processo de assujeitamento dos indivíduos a partir dos discursos, o que leva à análise mais aprofundada acerca da relação intrínseca entre saber e poder. É dessa relação que nascem conceitos como regimes de verdade e governamentalidade, a partir dos quais poderão ser discutidos os modos de subjetivação e objetivação, que mais adiante vamos buscar relacionar mais intimamente ao papel da mídia no mundo contemporâneo.

2.1 O DISCURSO

Considerando as inúmeras abordagens possíveis para discussões acerca do discurso, é pertinente situar o presente trabalho dentro de um contexto maior que o justifica e enriquece. No

presente trabalho, usaremos uma definição para o termo que vai além da língua, das palavras, da gramática ou da oralidade:

> A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2009, p. 15).

E nesse "observar o homem falando", vale ressaltar, novamente o foco não está nas palavras ou no que o autor quis dizer. O conceito de discurso utilizado aqui, portanto, é mais abrangente e busca compreender, entre ditos e não-ditos, que efeitos de sentido do dizer são possíveis dentro do contexto em que o discurso foi (re)produzido.

Para Pêcheux (2012), o discurso tornou-se o objeto de uma busca infinita, iniciada na década de 60, quando o estruturalismo estava em seu auge. Em 1983 lançou a obra "Discurso: estrutura ou acontecimento", no qual, como o próprio título evidencia, busca compreender a constituição do discurso:

> Ele propôs um estudo da linguagem por meio dos estudos dos entremeios, alojando os princípios teóricos por ele mesmo estabelecidos em regiões que podem parecer contraditórias, fazendo trabalhar a desconstrução e construção em busca de uma compreensão incessante de seu objeto teórico – o discurso. (LUZ, 2017).

O autor provoca para que se olhe além da materialidade linguística que vem declarada na superfície de um discurso, apontando para a tensão existente entre a descrição (ou o acontecimento) e a interpretação.

Pêcheux (2012) desenrola sua análise a partir de um enunciado em particular: a expressão *On a gagné*, que significa "Ganhamos", pronunciada após a eleição presidencial de 1981 que colocou François Mitterand à frente da França. Tendo como ponto de partida a análise do discurso, o filósofo busca compreender o acontecimento em si dentro de seu contexto histórico, político e social, e vai além, observando o que mais ele evoca, buscando as possíveis e infinitas intepretações, estabelecendo até mesmo uma analogia com a cobertura que a mídia faz de eventos esportivos (PÊCHEUX, 2012, p. 19). E, nesse ponto, o filósofo afirma que enunciados

estruturados de formas distintas, por mais que remetam ao mesmo acontecimento, produzem diferentes significações e, por sua vez, constroem diferentes acontecimentos discursivos.

É nesse sentido, das infinitas interpretações, que a análise de discurso mais uma vez se justifica enquanto base para essa pesquisa, pois uma de suas premissas é justamente o fato de considerar que a relação entre o discurso e o acontecimento não é unívoca. Ao mesmo tempo, o "movimento interpretativo" não é totalmente aleatório, como a Profa. Dra. Maria Cristina Ferreira pontua: "as condições de produção e a própria possibilidade de abertura impõem determinações, limites a esse movimento, o que significa dizer que a interpretação pode ser múltipla, mas não qualquer uma" (FERREIRA, 2005, p. 18).

Em contrapartida, um fator para o qual Pêcheux chama a atenção é que, no caso do *On a gagné*, o enunciado acabou por "sobredeterminar" o acontecimento, e a partir disso o autor passa a questionar fatores como o sujeito a que a expressão se refere (quem ganhou?) e seus complementos (ganhou o quê? Como? Por quê?):

> A partir do exemplo de um acontecimento, o do dia 10 de maio de 1981, a questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas (PÊCHEUX, 2012, p. 28).

Nesses chamados espaços logicamente estabilizados, que o autor retira das pesquisas nas áreas das ciências exatas e biológicas, pressupõe-se que o falante sabe do que fala e um acontecimento não pode se relacionar a duas questões opostas ao mesmo tempo, portanto não é admitida a existência do equívoco. Ao beber em Marx, a discussão trazida por Pêcheux é de que o real não existe, pois ele é construído sociohistoricamente.

Nas ciências humanas que o filósofo trata na sequência, em contrapartida, ocorrem os discursos não-estáveis, que possibilitam a(s) interpretação(ões), desconstruindo os sentidos pré-estabelecidos:

> Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não-logicamente-estável não seja considerado *a priori* como um defeito, um simples furo no real. É supor que – entendendo-se o "real" em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das "coisas-a-saber" ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real

> constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos (PÊCHEUX, 2012, p. 43).

E é dentro desse novo contexto que Pêcheux trata as questões do estruturalismo, enquanto uma tentativa antipositivista de análise da estrutura e do acontecimento, com novas práticas de leitura que passam a incorporar a interpretação como elemento intrínseco à língua e, consequentemente, à descrição dos fatos:

> Ao se pensar "o que quer dizer", faz-se a interpretação do discurso diante das condições de produção do mesmo, que produzirão sobre estes diversos efeitos de sentido. A interpretação está suscetível de sofrer deslizes de sentido pelo efeito da história na linguagem, além de a língua não ser transparente, o que possibilita ainda mais tais deslizes de sentido. A interpretação era associada a um gesto de leitura da estrutura textual, que produz efeito de conjunto. Logo, a interpretação afetaria a língua – cria-se a metalinguagem. Haveria a utilização da língua para interpretar a si mesma, em um gesto estritamente estrutural (LUZ, 2017).

O ato de descrever e interpretar, portanto, são indissociáveis e representam uma espécie de tradução do enunciado original, compostos por elementos não-ditos dentro dos ditos, pontos de deriva que admitem a possibilidade do equívoco, já que há no discurso uma relação de identificação entre o sujeito que fala (e o que ouve) e suas memórias, em um jogo de ressignificação do enunciado cada vez que é evocado.

E é com a emergência desse novo elemento na discussão, o sujeito, que se faz necessário buscar em Foucault a reflexão sobre como é o processo de transformação do indivíduo, ou seu assujeitamento, bem como a partir do que ele é constituído.

2.2 O SUJEITO

O filósofo francês Michel Foucault tem como cerne de sua obra a constituição do sujeito, ou como o indivíduo é transformado em sujeito. Com o olhar voltado para os discursos, o autor se debruça sobre "como" e "por que" os saberes e verdades emergem e submergem em nossa

sociedade, dentro do que ele denomina “regimes de verdade”, que surgem à medida em que se tornam necessários dentro de determinadas relações de poder:

> Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, [qual é] a forma do sujeito que diz a verdade (FOUCAULT, 2014, p. 4).

Essa foi a grande virada de Foucault com relação à obra de Pêcheux. Uma vez problematizadas as inúmeras possibilidades sobre o discurso, os holofotes são direcionados para o sujeito, que é quem se apropria dele ou, como veremos adiante, é apropriado por ele.

Vamos, então, aos conceitos base para tratar dessa perspectiva: por sujeito, compreende-se o indivíduo como resultado de sua história, de sua língua, e sobretudo de como se relaciona com tudo aquilo que está dentro e fora de si. Em seu glossário, Ferreira defende que “o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso” (2005, p. 21).

Por mais que o indivíduo acredite ser “dono de si” e genuíno em suas convicções, essa noção de sujeito considera a autonomia uma ilusão, pois o indivíduo é construído e desconstruído o tempo todo pelas relações estabelecidas dentro de determinadas condições, ao que se atribui o conceito de assujeitamento.

É importante evidenciar a partir dos conceitos supracitados que, na relação intrínseca entre sujeito e discurso, o segundo não é objeto do primeiro. Ao contrário do que pode parecer, o discurso não leva o sujeito ao poder. Ele é o poder em si, pois o sujeito produz saber, mas ao produzir ele é, ao mesmo tempo, produzido. E essa visão subverte a noção de instituição como órgãos que regem, coagem e moldam os sujeitos. Ao contrário, o poder para Foucault não é coercitivo e opressor, não vem de cima ou de algo externo ao sujeito. O poder acontece nas microinstâncias e atravessa os sujeitos e as relações, é algo que se exerce nas microrrelações dos indivíduos entre si e consigo mesmos e só se legitima a partir das microrresistências, o que novamente evoca a noção de “regimes de verdade”.

Ao problematizar o papel das instituições, então, Foucault nos faz pensar de que maneira o indivíduo se posiciona ética e esteticamente diante disso, buscando descobrir o que resta de si frente ao poder e aos sistemas, adotando práticas racionais para determinar regras com o objetivo maior de transformar a si mesmo. Apesar de quase não utilizar a palavra "liberdade" diretamente, pode-se dizer que essa é a ideia central quando o indivíduo percebe que, dentro das escolhas cotidianas que faz, pode optar por como agir frente àquilo que é posto. A liberdade para ele, então, não é em um sentido utópico, mas está dentro do indivíduo e sua ética, no que ele escolhe ser, afinal, se o sujeito é uma construção, é possível reconstruir-se, estabelecendo para si diferentes relações com o que é externo a ele:

> A ética, numa perspectiva foucaultiana, faz parte da moral, ao lado do *comportamento* de cada um e dos *códigos* que preceituam o que é correto fazer e pensar e que atribuem valores (positivos e negativos) a diferentes comportamentos, em termos morais. Esse conceito idiossincrático desloca a noção clássica de ética como "estudo dos juízos morais referentes à conduta humana" (quer em termos sociais, quer em termos absolutos) para ética como o modo "como o indivíduo se constitui a si mesmo como um sujeito moral de suas próprias ações" ou, em outras palavras, a ética como "a relação de si para consigo" (VEIGA-NETO, 2011, p. 81).

O poder não vem para massificar o sujeito, mas sim para docilizá-lo, tornando o sujeito produtivo e, ao mesmo tempo, retirando dele o "direito" de se revoltar contra o sistema. E os indivíduos precisam dessa ilusão de que estão no controle, é uma relação de resistência e docilidade, pois resistir é uma forma de manifestar a liberdade, mostrar que tem escolha. Esse é, em suma, o conceito de poder disciplinar:

> Foi ele que, como poder individualizante e microscópico, calcado nas práticas de vigilância, preencheu o vácuo, resolvendo a deficiência de ordem política que assolava a soberania: o poder disciplinar se apresentou como uma saída econômica e eficiente para a crescente dificuldade de levar o olhar do soberano a toda a parte, numa sociedade europeia que se complexificava, crescia e se espalhava pelo mundo afora. De certa maneira, o poder disciplinar permitiu que a lógica do pastoreio se expandisse do âmbito religioso - das relações entre o pastor e suas ovelhas - para o âmbito sociopolítico mais amplo - das relações entre o soberano e seus súditos. Mas, ao acontecer tal expansão, o soberano pôde ser demitido de seu papel e de suas funções, ou seja, ele pôde ser mandado para casa, pois as tecnologias disciplinares já poderiam dar conta do controle social (VEIGA-NETO, 2011, p. 68).

Ou seja, é uma forma de controlar o tempo e o espaço de modo que o corpo seja moldado para que possa produzir ainda mais e melhor. É a própria sociedade fabricando os sujeitos necessários para que continue existindo. Novamente, é o homem como sujeito e objeto do saber.

2.3 A GOVERNAMENTALIDADE E OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO

É com base nessa ligação intrínseca entre poder e saber que a obra de Foucault inspira, no presente trabalho, a discussão acerca do papel da mídia em nossa sociedade. Para um aprofundamento nessa questão, faz-se necessário explorar melhor o conceito de governamentalidade apresentado por Foucault. Em sua obra "Microfísica do Poder", o filósofo dedicou um capítulo inteiro ao tema que, a partir da literatura "O Príncipe", de Maquiavel, discute conceitos e teorias sobre as formas de governar:

> […] existem basicamente três tipos de governo, cada um se referindo a uma forma específica de ciência ou de reflexão. O governo de si mesmo, que diz respeito à moral; a arte de governar adequadamente uma família, que diz respeito à economia; a ciência de bem governar o Estado, que diz respeito à política. Em relação à moral e à economia, a política tem sua singularidade, o que La Mothe Le Vayer indica muito bem (FOUCAULT, 2004, p. 165).

O autor problematiza, então, o modelo do ato de governar enquanto uma gestão de territórios e populações realizada por uma figura soberana. Pelo viés de que o poder se exerce nas microestruturas, nas relações entre os indivíduos, de maneira horizontalizada (e não mais de cima para baixo), Foucault fala de uma linha "anti-Maquiavel", em que "a arte de governar é precisamente a arte de exercer o poder segundo o modelo da economia" (FOUCAULT, 2004, p. 165).

Com isso, é posta em questão não apenas a figura do soberano, mas, sobretudo, a finalidade do governo e das instituições (a mídia, nesse caso), que nessa perspectiva passam a gerenciar o homem e suas coisas (sua riqueza, seus hábitos, seu comportamento, suas relações, sua forma de pensar e agir etc.), para que tudo caminhe de forma a manter a estrutura da sociedade dentro do que é mais conveniente para se alcançar determinados objetivos:

> Isto assinala uma ruptura importante: enquanto a finalidade da soberania é ela mesma, e seus instrumentos têm a forma de lei, a finalidade do governo está nas coisas que ele dirige, deve ser procurada na perfeição, na intensificação dos processos que ele dirige e os instrumentos do governo, em vez de serem constituídos por leis, são táticas diversas. Na perspectiva do governo, a lei não é certamente o instrumento principal (FOUCAULT, 2004, p. 167).

As tais "táticas", segundo o autor, é que nos permitem compreender o que cabe ou não a esse Estado agora governamentalizado, e são elas os instrumentos que estabelecem seus limites e, portanto, favorecem a sua sobrevivência:

> Se o Estado é hoje o que é, é graças a esta governamentalidade, ao mesmo tempo interior e exterior ao Estado. São as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado do que é ou não estatal, etc.; portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade (FOUCAULT, 2004, p. 172).

E é essa governamentalidade, de acordo com Judith Revel (2005, p. 55), que pela primeira vez vai tratar a questão da população não como um grupo de pessoas, mas enquanto um "objeto construído pela gestão política global da vida dos indivíduos (biopolítica)", o que de certa forma converge com a ideia da "massa", tratada no capítulo anterior.

Ao questionarmos a inter-relação entre o Estado e o indivíduo, muitos são os aspectos a serem considerados, como fatores sociais, políticos ou econômicos. No caso específico da governamentalidade, porém, um deles prevalece, conforme explica a pesquisadora Edilene Perboni, em sua tese para o Doutorado em Educação:

> [...] a noção de Estado, na perspectiva da Governamentalidade, vai muito além da extensão territorial e populacional, antes passa por uma racionalidade governamental focada na economia. E toda essa razão ou tática de governo, faz da população um meio decisivo para governar (PERBONI, 2015, p. 47-48).

Por esse viés de análise da governamentalidade, compreende-se que a sociedade acaba por produzir os indivíduos necessários para que ela se sustente e possa continuar existindo, e é justamente daí que emerge a problematização sobre a produção da subjetividade ou, concomitantemente, da objetivação dos sujeitos, como explica Castro (2009):

> [...] Foucault fala dos modos de subjetivação como modos de objetivação do sujeito, isto é, modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder. Com efeito, os modos de subjetivação e de objetivação não são independentes uns dos outros; seu desenvolvimento é mútuo (CASTRO, 2009, p. 408).

Dessa forma, pode-se dizer que, mais do que uma relação de ação e reação, os modos subjetivação e objetivação coexistem de maneira tão imbricada que se torna difícil traçar uma linha que determine onde um ou outro começa e termina. Acrescentando o conceito de "tecnologias disciplinares", Rabinow e Dreyfus apresentam uma releitura sobre o que Foucault chama de "modos de objetivação", corroborando com essa perspectiva:

> Foucault afirma que a auto definição das ciências humanas como "disciplinas" do saber, conforme as chamamos frequentemente, está intimamente ligada à expansão das tecnologias disciplinares. […] A tecnologia disciplinar de poder para produzir corpos dóceis e úteis exige "uma técnica para entrecruzar a sujeição e a objetivação" (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 176).

Revel, por outro lado, sugere que haveria duas possibilidades de análise para a questão dos modos de objetivação e subjetivação: a primeira seria como um processo "de fora para dentro" em que o indivíduo é objetivado; a segunda seria em uma relação do sujeito com ele mesmo. Apesar de opostas, porém, as duas perspectivas mais uma vez reforçam o ponto de interseção entre ambos no processo de constituição do sujeito:

> […] de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (REVEL, 2005, p. 82).

Retomando a questão do jornalismo, dentro desse contexto de pesquisa, acredita-se que o jornalismo emerge, portanto, como uma dessas "táticas", um meio de difusão de discursos ideológicos permeado por relações de poder-saber por meio dos quais produzem verdades:

> O jornalismo, enquanto construtor da realidade social e do imaginário coletivo, é mediador e difusor de ideias e opiniões, é capaz de influenciar e estabelecer novas relações sociais, e é precisamente por essa função legitimadora que muitas disputas pelo domínio e controle do seu arsenal simbólico são silenciosamente deflagradas no âmbito político (GRANDO, 2016).

Dentro de uma sociedade globalizada, compreende-se que os veículos de comunicação são instrumentos de divulgação e legitimação de um "ideário global" (MORAES, 2016a), um discurso hegemônico que, não por acaso, contribui para o controle dos indivíduos que o mercado demanda.

Os modos de subjetivação e objetivação do sujeito, então, sintetizados por Foucault na expressão "história do sujeito", considera todas essas condições internas e externas (mas não necessariamente formais) sobre as quais as formas de saber se estabelecem, sobre as quais as experiências dos indivíduos são elaboradas, constituintes e constituídas. Essas são as regras dos "jogos de verdade nos quais o sujeito, enquanto sujeito, pode converter-se em objeto de conhecimento" (CASTRO, 2009, p. 408), na relação dele consigo mesmo e na interação desse ser transformado com e a partir do outro e seu contexto.

E a partir desse olhar que busca refletir sobre os modos de assujeitamento dos indivíduos é que partimos para conhecer melhor como surgiu e se estabeleceu a aplicação do PISA no Brasil para, na sequência, desenvolver a análise de discurso de linha francesa sobre como a mídia divulga o assunto no que diz respeito ao desempenho do país.

3 AMISTOSO OU COMPETIÇÃO? O PISA NO BRASIL E NO MUNDO

Depois de compreender algumas das teorias a respeito do papel da mídia, e com o olhar foucaultiano sobre como se dá o processo de constituição do sujeito e do discurso, partimos para a contextualização acerca do terceiro elemento sobre o qual se sustenta essa pesquisa, que é também o que atribui relevância para essa análise dentro do âmbito educacional. Neste capítulo serão apresentadas algumas informações conceituais sobre o PISA – *Programme for International Student Assessment*, a fim de apresentar qual é o seu objetivo, o que propõem os órgãos realizadores a partir de sua aplicação e como é a participação do Brasil nessa avaliação.

3.1 CONCEITOS E OBJETIVOS

O PISA é um estudo internacional de avaliação comparada do rendimento de estudantes, cujo ponto de partida é difícil precisar. O professor da Universidade de Lisboa, Luís Guilherme Carvalho (2009, p. 1013), apresenta o programa como uma derivação da *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA), que por cerca de três décadas teria "monopolizado" o campo dos estudos do gênero.

Promovido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que veio romper com essa centralização, o programa consiste em uma prova que é aplicada a jovens na faixa etária de 15 anos, com o objetivo de mensurar seus conhecimentos nas áreas de Leitura, Matemática e Ciências.

De acordo com relatório divulgado pelo INEP, mais do que analisar as disciplinas, a avaliação quer responder à seguinte pergunta: "o que é importante os cidadãos saberem e serem capazes de fazer?" (INEP, 2016, p. 18). Para isso, as provas são elaboradas visando a um modelo dinâmico de aprendizagem, que aponte em que contextos determinados conhecimentos e competências são aplicados pelos alunos:

> O PISA procura ir além do conhecimento escolar, examinando a capacidade dos alunos de análise, raciocínio e reflexão ativa sobre seus conhecimentos e experiências, enfocando competências que serão relevantes para suas vidas futuras na solução de problemas do dia-a-dia (INEP, 2017).

Nesse processo também são coletadas e analisadas informações demográficas e socioeconômicas por meio de questionários distribuídos aos estudantes, pais, diretores de escolas e professores, a partir dos quais são criados indicadores que auxiliam no relacionamento entre o seu desempenho e o contexto em que estão inseridos. Com isso, pode-se dizer que os instrumentos fornecem os seguintes resultados, resumidamente (INEP, 2016, p. 19):

- Indicadores de um perfil básico de conhecimento e habilidades dos estudantes;
- Indicadores derivados de questionários que mostram como tais habilidades são relacionadas a variáveis demográficas, sociais, econômicas e educacionais;
- Indicadores de tendências que acompanham o desempenho dos estudantes e monitoram os sistemas educacionais ao longo do tempo.

Para justificar a sua relevância, a OCDE criou um vídeo intitulado "PISA - Medindo o sucesso dos estudantes em todo o mundo", divulgado no portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2017), no qual atribui a escolha desse público[2] ao fato de estarem próximos de concluir a fase de "educação obrigatória" quando, então, seria possível "medir se os jovens dessa faixa etária estão bem preparados para participar da sociedade".

O diferencial dessa avaliação quando comparada a outros testes, de acordo com o mesmo vídeo, é que a pesquisa valida se os estudantes conseguem aplicar o que aprenderam na escola em situações e problemas reais, ao invés de apenas repetirem os conteúdos mecanicamente. Para isso, foi criado uma escala de pontuação com níveis de proficiência que vão de 1 a 6, em Ciências e Matemática, e de 1 a 5, em Leitura, conforme divulgado no portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense:

[2] De acordo com relatório do INEP (2016, p. 26), são considerados elegíveis ao PISA os "estudantes entre 15 anos e 3 meses (completos) e 16 anos e 2 meses (completos) no início do período de aplicação da avaliação, matriculados em instituições educacionais localizadas no país participante, a partir da 7ª série/7º ano".

> Dizer que um item é classificado em mais de seiscentos pontos significa dizer que ele é muito difícil, e, ao contrário, se um item tem classificação inferior a quatrocentos pontos, ele tende a ser fácil. Em avaliações de larga escala, como é o caso do PISA, é previsível que poucos alunos atinjam os níveis mais altos. O esperado é que a maioria dos alunos consiga alcançar os níveis 3 ou 2 da escala de proficiência. Por outro lado, em qualquer das três áreas, considera-se que os estudantes abaixo do nível 1 de proficiência não são capazes de executar as tarefas mais simples que a avaliação solicita. Isso não significa, obviamente, que eles sejam completamente incapazes de executar qualquer tarefa (BRASIL, 2015, p. 4).

Além das notas, porém, são analisadas outras características dos sistemas educacionais, como a diversidade do contexto socioeconômico entre os respondentes, a remuneração dos professores, o tamanho das salas de aula e a liberdade dos professores na condução dos currículos, por exemplo.

Portanto, considerando que o objetivo da prova é declaradamente ir além do conhecimento escolar, analisando seu contexto, os dados que são divulgados após a realização do PISA não podem ser vistos de maneira isolada, conforme enfatiza Popkewitz:

> [...] os números de PISA nunca são meramente números. Eles estão inscritos em uma grade de práticas que aceitam os modelos pedagógicos que produzem disciplinas escolares. As práticas curriculares estabelecidas como "conhecimento prático" nos critérios de mensuração inscrevem teses culturais sobre como a vida é e deve ser vivida enquanto estudante ao longo da vida (tradução da autora).[3]

O principal aspecto ressaltado, entretanto, está no fato de que o foco não é avaliar o estudante, mas sim o sistema educacional do país, apontando em que condições se encontra em relação aos demais (em suas semelhanças e diferenças) e, principalmente, como está seu desempenho comparado a ele mesmo.

Esse foi o tema central da análise publicada por Carvalho (2009), intitulada “Governando a educação pelo espelho do perito: uma análise do PISA como instrumento de regulação”. Segundo o autor, a metodologia escolhida pela OCDE segue uma tradição:

---

[3] *Cf.* original: “[…] the numbers of PISA are never merely numbers. They are inscribed in a grid of practices that take-for-granted the pedagogical models that produce school subjects. The curriculum practices signified as “practical knowledge” in the categories of measurement inscribe cultural theses about how life is and should be lived as the lifelong learner” (POPKEWITZ, 2011, p. 38).

> O PISA dá continuidade à opção pela medição empírica e direta das aprendizagens como o meio para a avaliação da eficácia dos sistemas educativos. Mas, além disso, confirma um projeto de comparação (em Educação), no qual predomina uma razão pragmática, caracterizável – seguindo o modelo analítico proposto por António Nóvoa (1998) – pelo comprometimento com a construção de indicadores e *standards* para a decisão política, pela perspectivação da comparação como "momento da tomada de decisão", bem como, pela "crença na educação como fator de modernização/desenvolvimento" (CARVALHO, 2009, p. 1013-1014).

O que interessa a esta análise, portanto, não são diretamente os indicadores levantados pela OCDE, mas sim as interpretações e decisões a que eles podem levar, que acabam por promover um comparativo entre os países participantes:

> [...] as regras e as normas que o PISA fixa ou induz; as formas "adequadas" de prover educação que põe em equação; o exercício de mútua observação em que coloca – regularmente – os decisores políticos num espaço "competitivo-cooperativo" mundial. Apesar das variadas e continuadas controvérsias em que tem sido envolvido, ao longo da sua curta história, o PISA – e sobretudo os seus "resultados" – vem circulando e vem-se instalando na ação pública, seja galvanizando debates, seja legitimando medidas políticas (CARVALHO, 2009).

Popkewitz também problematiza essas consequências, ressaltando que se deve levar em consideração o contexto social, histórico e cultural que diferencia cada país participante e, obviamente, os resultados que obtêm na avaliação:

> O PISA posiciona globalmente a criança e a nação através de um estilo de pensamento que diferencia e divide por meio da criação de categorias de equivalência entre os países. As categorias de equivalência (ou semelhança) funcionam como uma identidade para representar a diferença. O que agora precisa de atenção é como os números não atuam sozinhos, mas atuam como estão inscritos em uma grade de práticas que dão inteligibilidade aos tipos de pessoas. Os "fatos" relacionados pelas medidas de conhecimento prático do PISA não são meramente descritivos de algo "prático". Eles são reunidos historicamente de uma maneira que criam um espaço cultural que forma e modifica modos de vida (tradução da autora).[4]

[4] *Cf.* original: "PISA globally positions the child and nation through a style of thought that differentiates and divides through creating categories of equivalence among countries. The categories of equivalence (or sameness) function as an identity to represent difference. What now needs attention is how numbers do

Para acompanhar esses debates difundindo o seu posicionamento oficial, a OCDE lançou uma série de publicações em seu site intitulada "PISA em Foco", com análises e reflexões que relacionam os resultados da avaliação com informações sobre o desempenho, currículo, absenteísmo, entre outros. Na 13.ª edição, lançada em fevereiro de 2012, a grande questão abordada foi se países que investem mais financeiramente em educação colhem melhores resultados:

> A quantia gasta em educação pelos países mais ricos não tem relação com seu desempenho no PISA. A despesa acumulada de um país/economia em educação é o total gasto para educar um aluno dos 6 aos 15 anos de idade. Após a faixa de 35.000 dólares por aluno, essa despesa não se relaciona com o desempenho (PISA EM FOCO, p. 2).

Mas o que explica então que, de modo geral, os primeiros lugares do *ranking* sejam ocupados em sua maioria por países de alta renda? Em resposta à pergunta "Pode o dinheiro comprar um bom desempenho no PISA?", a publicação aponta que, mais do que o valor gasto em recursos, o que retorna bons resultados é a forma com que eles são aplicados pelas escolas. O estudo também aponta para a priorização da qualidade dos professores e o estímulo intenso aos alunos:

> Países bem-sucedidos no PISA investem algo mais nas suas redes de ensino: altas expectativas para todos os seus alunos. Escolas e professores nesses sistemas não permitem que um aluno esforçado fracasse; não fazem esses alunos repetirem uma série, não os transferem de escola, não agrupam os alunos em turmas diferentes com base na sua capacidade. Independente da riqueza de um país ou economia, esses sistemas de ensino se comprometem, tanto em termos de recursos como de políticas, a assegurar que todos os alunos terão melhor desempenho no PISA, ao contrário de sistemas que tendem a separar os alunos mais fracos ou com problemas de comportamento ou com necessidades educacionais especiais (PISA EM FOCO, p. 4).

A partir desses exemplos extraídos dos canais oficiais de divulgação da OCDE, pode-se novamente demarcar qual é o aspecto mais relevante sobre o PISA na presente pesquisa: a busca

---

not act alone but act as they are inscribed in a grid of practices that give intelligibility to kinds of people. The “facts” enlisted through PISA’s measurements of practical knowledge are not merely descriptive of something “practical”. They are assembled historically in a manner that creates a cultural space that shapes and fashions modes of living” (POPKEWITZ, 2011, p. 36).

por uma equalização dos sistemas educacionais, promovendo uma comparação entre os diferentes países (economias) participantes:

> O PISA capitaliza e participa na construção de um ambiente cultural e político marcado pelas concepções da "competitividade econômica global" e do papel decisivo da educação ou da qualificação, bem como pelo pressuposto de que as avaliações comparadas – enquanto tecnologias de *accountability* – constituem o recurso mais pertinente para promover a eficácia dos sistemas educativos e, consequentemente, a competitividade econômica (CARVALHO, 2009, p. 1017-1018).

A orientadora deste trabalho, Marcia Mascia, também tem se dedicado a pesquisar o assunto e acredita que, apesar de a proposta ser promover melhorias nos sistemas educacionais, a influência dos resultados do *ranking* tem sido bastante questionada, como aconteceu em uma carta encaminhada por acadêmicos ao diretor da OCDE, Andreas Schleicher:

> [Uma] crítica está relacionada à estreita faixa de aspectos mensuráveis da educação, o que tendencia a favor do papel econômico das escolas e à preparação dos jovens para empregos remunerados, por outro lado desconsiderando os objetivos educacionais imensuráveis, como o desenvolvimento físico, moral, cívico e artístico, que contribui para preparar os alunos para a participação em um governo democrático, para a ação moral e para o desenvolvimento de vida pessoal, com crescimento e bem-estar. Desta forma, a carta aponta, o PISA atua de forma a subverter nossa imagem sobre o que a educação é e deve ser, desempenhando o papel de árbitro global dos meios e finais da educação em todo o mundo (tradução da autora)[5].

Não se pode afirmar que a concepção da prova pelos seus órgãos idealizadores não tenha sido, em sua essência, contribuir para a troca de boas práticas entre os países de todo o mundo. Porém é possível identificar, nas entrelinhas dessa proposta, uma estratégia de racionalização e padronização, conforme afirma o pesquisador Guilherme Libanori em sua tese de Doutorado:

---

[5] *Cf.* original: "Another critic is related to the narrow range of measurable aspects of education, that is, biased in favor of the economic role of schools and the preparation of young men and women for gainful employment, on the other hand disregarding the less measurable or immeasurable educational objectives like physical, moral, civic and artistic development, that contributes to prepare students for participation in democratic self-government, moral action and a life of personal development, growth and wellbeing. This way, the letter points, PISA acts in a way to subvert our image of what education is and ought to be about, playing the role of a global arbiter of the means and ends of education around the world" (MASCIA, 2017, p. 6).

> Mais do que isso, sua aplicação parece remeter a uma tentativa de homogeneizar os currículos e diretrizes educacionais pelo mundo, em detrimento, dentro outros fatores, dos discursos que valorizam as diferenças de tempo de aprendizagem, o respeito à diversidade e aos temas considerados transversais, e a heterogeneidade dos alunos, minimizando a questão das diferenças entre os países e suas regiões e promovendo valores e competências/habilidades (*skills*) que seriam necessárias no adulto que o mundo do trabalho globalizado requer (LIBANORI, 2015, p. 21).

Portanto, mais do que compreender como funciona e com que finalidade o exame é realizado nos últimos 17 anos, o intuito nesse capítulo é direcionar o olhar para a forma como os seus resultados e suas interpretações são difundidos e legitimados pela mídia e pelos indivíduos que consomem essas informações.

3.2 O PISA NO BRASIL

Em meio às diferenças políticas, sociais, culturais e econômicas que a própria OCDE reúne e apresenta entre os países participantes, é possível identificar também inúmeras semelhanças. Foi assim que, em 2005, o Brasil se reuniu com países como México, Uruguai, Portugal e Espanha para formar o GIP – Grupo Ibero-americano do PISA, para trabalharem colaborativamente, somando suas experiências com a implementação da avaliação.

De acordo com o INEP, órgão responsável por realizar a prova no Brasil, os resultados servem de parâmetro para medidas sociopolíticas e investimentos na área da Educação:

> Os resultados desse estudo podem ser utilizados pelos governos dos países envolvidos como instrumento de trabalho na definição e refinamento de políticas educativas, procurando tornar mais efetiva a formação dos jovens para a vida futura e para a participação ativa na sociedade (INEP, 2017).

Para Perboni, ao tratar das avaliações sistêmicas como o PISA enquanto instrumentos para regulação de políticas públicas educacionais, os índices de desenvolvimento da educação nos âmbitos internacional, federal e estadual se relacionam diretamente:

> Essa relação pode ser percebida na adequação metodológica das avaliações e análise de resultados que os países e seus Estados têm feito em consonância com o PISA. A lógica talvez seja de que se houver certa familiaridade dos sistemas educacionais, escolas, professores e alunos, quando o país for avaliado pelo PISA – avaliação importante política e economicamente frente às agências de financiamento internacional – todos já estarão preparados, nas mesmas condições metodológicas na avaliação mundial da qualidade da Educação. Daí é claro, com maiores chances de resultado satisfatório e promissor quanto às condições de recebimento de fomento internacional (PERBONI, 2015, p. 88).

Segundo o INEP, o Brasil é o único país sul-americano que participa da prova desde sua primeira aplicação, em 1998 e, apesar de ter ocupado a 60.ª posição entre 72 países na avaliação realizada em 2012, foi citado como destaque por ter aumentado de 65% para 78% a proporção de alunos escolarizados aos 15 anos, entre os anos de 2003 e 2012.

Em 2015 participaram dessa avaliação os 34 países que são membros da OCDE, além de 37 países convidados, dentre os quais está o Brasil. Em geral, são selecionados aleatoriamente uma média aproximada de 150 escolas e 45 jovens de cada uma, mas alguns países optam por uma amostra maior, como foi o caso do Brasil nessa última edição, que "consistiu de 841 escolas, 23.141 estudantes e 8.287 professores" (INEP, 2016, p. 19). Ainda de acordo com o Instituto, nessa última edição da avaliação[6], pela primeira vez a prova inteira foi aplicada eletronicamente e os estudantes tiveram duas horas para responder a questões de ciências, leitura, matemática e resolução colaborativa de problemas.

Neste ano, porém, apesar de abranger um número maior de alunos avaliados, a média geral nas três áreas de conhecimento ficou abaixo do ano anterior (vide tabelas 01 e 02).

[6] Mais características específicas sobre as características de avaliação do PISA em 2015 podem ser encontradas no Anexo 1, disponível ao final deste trabalho.

TABELA 1 – Média geral do Brasil no PISA de 2000 a 2015.

	2000	**2003**	**2006**	**2009**	**2012**	**2015**
Alunos avaliados	4.893	4.452	9.295	20.127	18.589	23.141
Leitura	396	403	393	412	410	407
Matemática	334	356	370	386	391	377
Ciências	375	390	390	405	405	401

Fonte: INEP, 2017.

TABELA 2 – Média geral do Brasil e média geral dos países membros da OCDE no PISA 2015.

	Média no Brasil	**Média nos países membros da OCDE**
Leitura	407	493
Matemática	377	490
Ciências	401	493

Fonte: INEP, 2017.

Também quando comparados a países europeus, os resultados do Brasil são considerados ruins. O site do INEP, porém, veicula notícias que mostram o avanço do país na área de Matemática, em contraposição à evolução dos demais países participantes.

Essa visão otimista propagada pelo Instituto pode ser decorrente do fato de que "o Brasil tem abraçado fortemente a utilização e propagação das ideias contidas nos documentos da OCDE e do PISA" (LIBANORI, 2015, p. 56), legitimando a hipervalorização que a avaliação tem recebido no país pelos órgãos públicos e entidades promotoras, como o próprio autor destaca (e, posteriormente, questiona):

> A participação no programa do PISA tem significados especiais para o Brasil, que vão além dos resultados aqui apresentados. Fazer parte do programa com países cujos sistemas educacionais são *os mais avançados do mundo* permitiu aos técnicos brasileiros o convívio com os maiores especialistas em avaliação educacional. Essa convivência traz para o Brasil *um salto de qualidade na concepção e realização de instrumentos de avaliação educacional*, principalmente porque consolida os avanços já projetados no SAEB e no Enem (BRASIL *apud* LIBANORI, 2015, p. 58).

O autor ressalta, ainda, que essa legitimação acontece também pela "aceitação quase unânime na comunidade internacional das informações e *ranking* do PISA" (LIBANORI, 2015, p. 55), o que se confirma e reflete na abordagem que as reportagens veiculadas na grande mídia fazem sobre o assunto.

Tomando duas dessas reportagens como *corpus* discursivo, então, e tendo como aporte teórico os estudos foucaultianos, uma das reflexões desta pesquisa é que efeitos de sentido a mídia veicula, isto é, que verdades ajuda a instaurar acerca do atual cenário da educação no país:

> A análise do discurso PISA-Brasil nos permite compreender a razão pela qual algumas imagens são construídas e naturalizadas. Segundo Chakrabarty, o primeiro mundo, a Europa, "funciona como um referente silencioso no conhecimento histórico" (1992, p. 337), e como grandes narrativas são tomadas como modelos, quando as histórias dos países emergentes são escritas, são traduzidas em termos de falta, incompletude e ausência (tradução da autora)[7].

Dessa forma, objetivando compreender como algumas dessas imagens são materializadas pela mídia em suas publicações, seguimos para o próximo capítulo da pesquisa, que busca esclarecer dentro de que contexto se dará a análise discursiva das reportagens tomadas aqui como objetos de estudo.

[7] *Cf.* original: "The analysis of PISA-Brazil discourse enables us to understand the reason upon which some images are constructed and naturalized. According to Chakrabarty, the first world, Europe, "works as a silent referent in historical knowledge" (1992, p. 337), and as great narratives are taken as models, when the emergent countries histories are written, they are translated in terms of lack, incompleteness and absence" (MASCIA, 2017, p. 7).

4 ESQUEMA TÁTICO: CONTEXTO DE PRODUÇÃO

A partir do embasamento apresentado nos capítulos anteriores, o capítulo que segue apresenta a metodologia utilizada para a seleção de reportagens da grande mídia[8] sobre o PISA no Brasil e, em seguida, suas respectivas análises.

4.1 ANÁLISE DO DISCURSO E MÍDIA

Com base nos conceitos de sujeito e discurso tratados no segundo capítulo deste trabalho, faz-se necessário discorrer um pouco mais sobre a análise de discurso propriamente, relacionando-a o mais intimamente possível ao nosso objeto de estudo (mídia), já que neste momento nos aproximamos da aplicação prática daqueles conceitos. Não se pretende aqui repetir a teoria que já foi apresentada, mas retomar algumas reflexões que justifiquem o caminho escolhido para as análises que virão a seguir.

De forma objetiva, portanto, o ponto principal a ser retomado é a compreensão das práticas discursivas como um jogo dentro do qual se materializam determinadas regras (regimes de verdade), que são historicamente constituídas em uma articulação contínua e inevitável entre saber e poder. É essa abordagem do discurso que será considerada para a problematização de como a mídia atua na construção de jogos de verdade, veiculando determinados efeitos de sentido materializados linguística e imageticamente em suas reportagens.

A pesquisadora Maria do Rosario Gregolin (2007, p. 13) acredita que "a articulação entre os estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos".

Esses sentidos não são produzidos de maneira totalmente transparente e clara, já que em sua interpretação entram as variáveis do sujeito e a sua posição dentro de determinado contexto.

[8] Entende-se por "grande mídia" aqueles veículos de comunicação – sejam eles on-line, televisivos, de rádio ou impressos, que se estabeleceram como referência para um grande número de pessoas, conforme o conceito de comunicação de massa tratado no primeiro capítulo deste trabalho.

Mas atrelado ao processo de subjetivação, conforme discutido anteriormente, está vinculado o conceito de objetivação e, portanto, é como se a mídia atuasse entre os indivíduos e a realidade:

> O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma "história do presente" como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente (GREGOLIN, 2007, p. 16).

Sob essa perspectiva, então, pode-se dizer que a mídia se torna um objeto relevante e até privilegiado de investigação para a análise de discurso pois, compreendendo os movimentos discursivos e efeitos de sentido veiculados por ela, é possível problematizar a construção dos regimes de verdade em nossa sociedade, bem como a constituição dos sujeitos contemporâneos.

4.2 LEVANTAMENTO DO *CORPUS*

É comum ouvirmos falar da prática jornalista especializada em política, economia, esportes e até do jornalismo social. Pouco se fala, porém, do "jornalismo educacional" [9], que equivale a uma especialização do profissional de Comunicação Social na cobertura e elaboração de reportagens que falem especificamente sobre a educação.

Em 2000, a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), em parceria com outros órgãos, lançou uma pesquisa sobre as formas como os veículos de comunicação abordam os temas relacionados à educação. Segundo o estudo, apenas em 1998 o tema passou a aparecer nas primeiras páginas, mas sua posição padrão costuma ser de menor destaque, em parágrafos finais relacionados ao "combate à desigualdade ou à exploração sexual de crianças e adolescentes, à violência ou à exploração do trabalho (escravo) infantil, ou ainda como trilha obrigatória para o

[9] Cabe diferenciar aqui o conceito de jornalismo educacional – que aborda assuntos relacionados ao cotidiano escolar, eventos de educação etc. –, do conceito de jornalismo educativo, que tem o objetivo de ensinar o leitor sobre determinado assunto.

alinhamento do país entre as nações mais desenvolvidas" (ANDI, p. 5, 2000). Ou seja, o tema acaba sendo abordado mais frequentemente como algo cotidiano, ou como uma informação complementar àquela que está em foco, o que talvez explique a dificuldade no levantamento específico de reportagens que abordam esse assunto.

Para definir o *corpus* desta pesquisa, portanto, buscou-se fazer um levantamento das reportagens sobre o PISA divulgadas nos veículos de comunicação considerados de massa, ou seja, na grande mídia, contemplando revistas, jornais impressos, portais de notícias *on-line*, rádio e televisão.

É curioso observar que, assim como comentado que a Educação não possui grande espaço na mídia, o assunto do PISA em especial tem uma certa sazonalidade, visto que vem à tona nos veículos de forma mais ampla nos períodos em que são divulgados os resultados da avaliação, que acontece a cada três anos apenas. Nos períodos de intervalo do exame, vale ressaltar, o assunto surge esporadicamente, não como o tema principal das reportagens, mas como um indicador que vem confirmar determinadas abordagens (em geral, pessimistas) sobre o contexto político, social e econômico do Brasil.

4.3 A REVISTA VEJA

No ano de 1968, os jornalistas Roberto Civita e Mino Carta fundaram a Revista Veja, impressa e distribuída pela Editora Abril, com a proposta de entregar semanalmente conteúdos diversos, sobretudo com questões políticas, econômicas e culturais.

A escolha da Revista Veja como fonte desta pesquisa foi motivada por conhecer a sua missão que, de acordo com Roberto Civita, um dos jornalistas fundadores do veículo, é:

> Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos (GRUPO ABRIL, 2017).

Com essa busca, a Revista Veja propõe claramente que suas reportagens não cumpram apenas com o objetivo de informar, mas também de difundir a sua interpretação dos fatos, com a intenção declarada de conquistar um determinado grupo de leitores:

> Os jornalistas de Veja não se limitam ao conforto da imparcialidade e travam diariamente um debate intelectual com seus leitores, caracterizando uma marca sólida assentada em uma maneira de ver o mundo. Como resultado, Veja tem um perfil de leitores fidelizados com mais confiança, segurança, clareza e poder a partir do conhecimento (PUBLIABRIL, 2017).

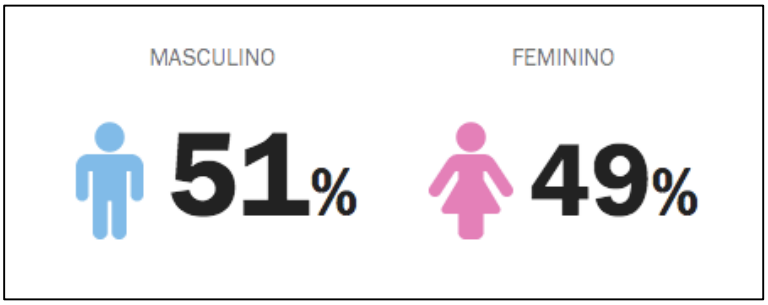
Para isso, conforme explicita Ricardo Filho (2005, p. 77), a revista adota como estratégia de marketing pesquisas aprofundadas para conhecer os desejos e preferências de abordagem de seus leitores, reformulando continuamente suas editorias para atender a essas demandas. E uma dessas transformações, ainda de acordo com o autor, foi um aumento nas reportagens que falam sobre educação[10], fato que ele analisa dentro de um contexto de confluência política, econômica e intelectual, culminando na constituição do que ele chama de "rede de legitimidade" (RICARDO FILHO, 2005, p. 12).

O autor destaca ainda que esse modelo foi inspirado no padrão norte-americano:

> Apesar das características que a abrasileiraram, ela segue os padrões clássicos definidos por Henry Luce para a *Time* em 1922: [...] pratica o jornalismo interpretativo que tenta tirar de cada fato suas ligações com os demais e mostrar-lhes os antecedentes e eventuais desdobramentos; procura atingir o leitor padrão com um estilo de redação impessoal e elegante, uniforme da primeira à última página, como se toda a revista tivesse sido escrita por uma só pessoa (SILVA *apud* RICARDO FILHO, 2005, p. 70-71).

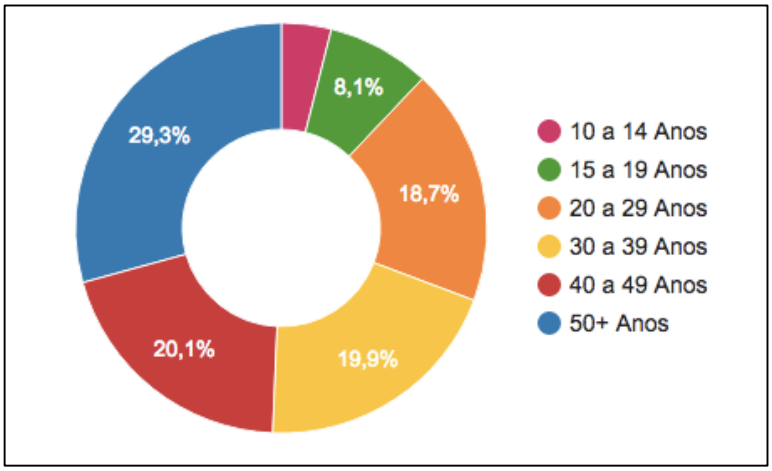
Em termos quantitativos, o Grupo Abril consolidou em 2016 um total de 6.694.000 leitores de sua revista impressa, representados da maneira que segue:

[10] Geraldo Sabino Ricardo Filho lançou, em 2005, um livro intitulado "A boa escola no discurso da mídia: um exame das representações sobre educação na Revista Veja (1995-2001)", em que apresenta, com uma análise muito rica, um apanhado geral de reportagens pelas quais o veículo teria construído e consolidado o *slogan* "boa escola".



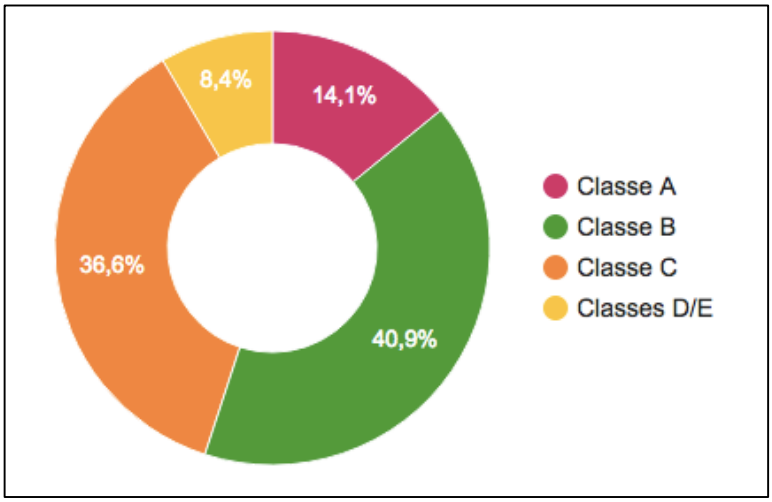
Fonte: PUBLIABRIL, 2017a.

INFOGRÁFICO 1 – Audiência da Revista Veja por gênero.



Fonte: PUBLIABRIL, 2017a.

GRÁFICO 1 – Audiência da Revista Veja por idade.



Fonte: PUBLIABRIL, 2017a.

GRÁFICO 2 – Audiência da Revista Veja por classe social.

De acordo com os números divulgados no site PubliAbril, a audiência da versão impressa já consagra a revista como a de maior circulação nacional, e quando somados aos das demais plataformas (versão digital, portal de notícias e redes sociais) totalizam aproximadamente 26 milhões de pessoas, o que a coloca efetivamente entre um dos veículos de maior relevância no Brasil.

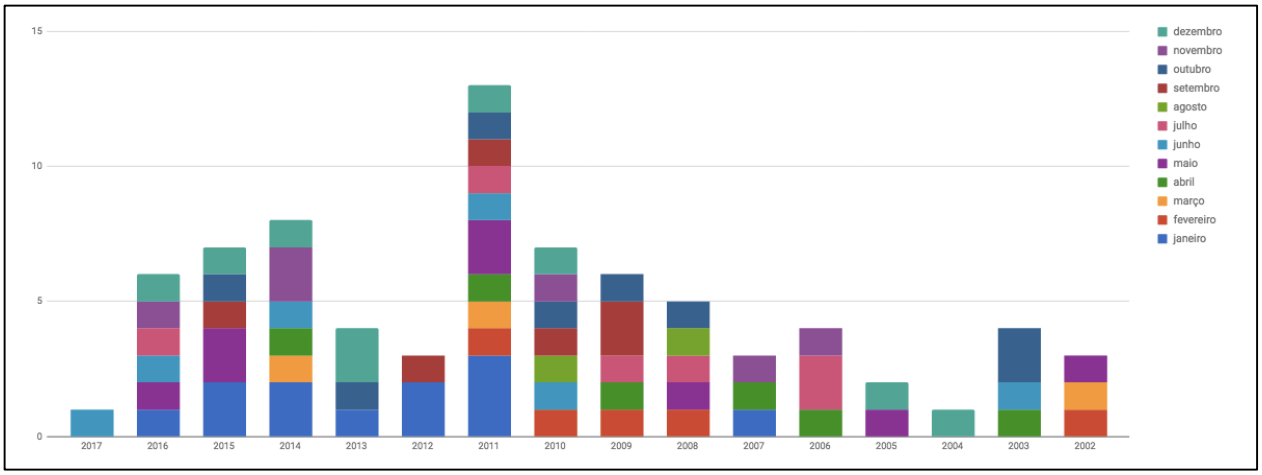
4.3.1 Análise quantitativa e algumas considerações

Apesar de o Brasil ter começado a participar do PISA no ano 2000, a Revista Veja colocou o tema em sua pauta pela primeira vez apenas dois anos depois. Desde então, até dezembro de 2017 (quando esse levantamento foi encerrado), o assunto surgiu em suas edições impressas dentro de 78 textos, entre reportagens, artigos e entrevistas.

Em algumas delas, a avaliação é colocada como tema central do texto, mas em 84% é somente citada de maneira bastante pontual para embasar alguma discussão sobre a situação da educação, ou ainda como um indicador dentro de uma análise política ou econômica do país.

O formato de artigos jornalísticos predomina (ou seja, são textos de opinião), e a maioria deles, desde a primeira publicação, é escrita pelos mesmos colunistas: o pioneiro no assunto dentro da revista foi o economista Claudio de Moura Castro, autor de quase 68% do total de textos.

Embora o PISA apareça periodicamente na Veja, em 2011 a sua repercussão foi quase três vezes maior do que a média geral, com 13 reportagens (vide GRÁFICO 3). A provável motivação foi a divulgação de um relatório da OCDE neste ano, onde consta uma análise sobre as avaliações do Brasil entre 2000 e 2009, intitulado: "Brasil, lições encorajadoras de um grande sistema federal".



Fonte: a autora.

GRÁFICO 3 – Frequência de veiculação de reportagens sobre o PISA na versão impressa da Revista Veja.

Dessas 78 vezes em que a Revista Veja falou sobre o PISA, 100% trazem o assunto com uma conotação negativa, pessimista quando trata dos resultados brasileiros, ainda que em apenas nove delas (11%) esse seja o tema central da reportagem (vide APÊNDICE 1).

É importante ressaltar que o ponto central desta análise, por natureza, não é quantitativa, mas um simples e breve levantamento desses dados já aponta, ainda que indireta e sutilmente, para uma determinada direção sobre como a mídia lida e expõe o tema do PISA, o que está imbricado com a análise qualitativa que vem no capítulo a seguir, em que vamos direcionar o olhar para o "como" o assunto está sendo abordado no veículo em questão.

5 COMEÇA A PARTIDA: ANÁLISE DO DISCURSO DO PISA NA REVISTA VEJA

O capítulo anterior apresentou algumas informações consideradas relevantes sobre o veículo de comunicação selecionado para essa análise, justificando sua representatividade dentro de todo o *corpus* levantado.

A seguir, então, estão as análises discursivas (de acordo com a linha francesa) de duas reportagens que foram divulgadas pela Revista Veja, uma em 2013 e outra em 2016, falando especificamente sobre o desempenho do Brasil nas provas do PISA realizadas em 2012 e 2015, respectivamente. Mesmo sendo redigidas com três anos de diferença, curiosamente ambas recorrem a metáforas de jogo para escrever sobre o assunto (utilizando, inclusive, as mesmas expressões) – o que acentua o caráter de competitividade da avaliação. Coincidência ou não, esse fato acabou evidenciando um critério que facilitou a seleção das duas reportagens que seriam analisadas nesta pesquisa.

Nos tópicos a seguir, serão apresentados em um primeiro momento o contexto da edição em que essas matérias foram publicadas, como a capa e o índice que indicam os assuntos que estavam em pauta na época do lançamento das revistas.

Na sequência, finalmente, parte-se para a análise dos discursos das reportagens propriamente, buscando problematizar o seu teor em termos textuais e, sobretudo, imagéticos.

5.1 REPORTAGEM “FORA DO JOGO” – REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2479, 25 DE MAIO DE 2016

Antes da análise da reportagem propriamente, que é apresentada nos itens a seguir, considera-se relevante apresentar aqui o contexto em que aconteceu sua divulgação dentro do veículo em questão, pois a partir dele pode-se compreender a relevância dada ao assunto naquele momento, além de outras informações que podem complementar a análise posterior.

5.1.1 A capa

A edição de número 2479 da Revista Veja foi lançada no dia 25 de maio de 2016, com a capa de fundo vermelho dedicada ao tema "A pílula do câncer"[11]. Abaixo da imagem do que seria uma cápsula do medicamento e do título principal, o leitor tem contato com três aspectos que serão discutidos mais detalhadamente sobre o assunto: o motivo da proibição de sua distribuição, o profissional responsável por sua invenção e, ainda, uma reflexão sobre ciência e fé.

Logo acima, aparece o nome da revista e suas informações técnicas (ano, edição, número e data) e, em uma linha que ocupa aproximadamente 20% do espaço superior da página, constam as chamadas para outros dois destaques daquela semana, ambos relacionados ao vice-presidente do Brasil, Michel Temer, que havia assumido o cargo interinamente durante o processo de impeachment de Dilma Roussef, o que fez com que a mídia voltasse seus olhares tanto para a trajetória profissional quanto para a vida pessoal do político (FIGURA 1).

[11] Na semana que antecedeu a publicação dessa edição, o Supremo Tribunal Federal havia suspendido a fabricação, distribuição e uso de uma substância divulgada como anticancerígena.

Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 1.

FIGURA 1 – Capa da edição 2479 da Revista Veja, de 25 de maio de 2016.

5.1.2 O índice

Em uma página par, ou seja, posicionado à esquerda da revista, foi apresentado o índice completo de assuntos daquela edição. Destacadas na parte superior da página, com imagens, estão novamente a reportagem da capa e a chamada para a notícia sobre o governo de Michel Temer, mas um terceiro assunto ganha relevância aqui (que não foi citado na capa): a tecnologia de realidade aumentada[12].

Abaixo das imagens, dividida em três colunas, está a relação das demais matérias divulgadas nessa edição. Além das editorias fixas, como Carta ao Leitor, Entrevista e Imagem da Semana, que habitualmente ocupam as primeiras páginas da publicação, o índice segue em ordem crescente listando reportagens de assuntos variados, predominando aquelas de cunho político e com o tema das Olimpíadas, das quais a cidade do Rio de Janeiro seria sede no mês de agosto daquele ano.

A reportagem-alvo dessa análise é a 25ª de um total de 35 assuntos, sendo precedida por uma matéria sobre Gastronomia e sucedida por uma notícia sobre as Olimpíadas, como é possível observar logo abaixo (FIGURA 2).

[12] A imagem e chamada em questão fazem referência a um vídeo que circulou na internet em que, por meio da tecnologia de realidade aumentada, uma baleia nadando foi projetada sobre o chão da quadra poliesportiva de uma escola no Japão (https://www.youtube.com/watch?v=V4Q94pCPak8).

ÍNDICE

veja
EDIÇÃO 2479 | ANO 49 | Nº 21

76
Pílula do câncer: vetada pelo Supremo

46
Michel Temer hesita no começo de seu governo

98
A realidade aumentada em VEJA: uma nova experiência digital

12 **Carta ao Leitor**
17 **Entrevista** Débora Seabra de Moura
26 **Leitor**
35 **Vilma Gryzinski**
36 **Imagem da Semana**
38 **Datas**
40 **Conversa com** Patrícia Abravanel
41 **SobeDesce**
41 **Números**
42 **Radar**
44 **Veja Essa**

46 **Poder** O início vacilante de Michel Temer
52 A herança maldita dos governos petistas
58 **Crime** Hacker tenta extorquir 300 000 reais da primeira-dama Marcela Temer
64 **Operação Janus** O alvo é o sobrinho de Lula
66 **Lava-Jato** A condenação de José Dirceu
66 **Zelotes** O empresário André Gerdau é indiciado
68 **Aviação** O caso do Airbus que caiu entre Paris e o Cairo
72 **Venezuela** Nicolás Maduro tenta salvar-se no poder
74 **Página Aberta** Galen Strawson
76 **Saúde** O STF barra a produção da pílula do câncer
84 **Rio de Janeiro** O tráfico apavora velejadores estrangeiros que treinam para a Rio 2016
88 **Gente**
90 **Gastronomia** A customização de alimentos é a receita inovadora de produtores e chefs
94 **Educação** Os estudantes brasileiros têm resultados ruins
96 **Olimpíada** O desafio de correr a maratona em menos de duas horas
98 **Tecnologia** Um mergulho na realidade aumentada: onde o virtual se mistura ao real
108 **Memória** Cauby Peixoto
110 **Exposição** *Picasso: Mão Erudita, Olhar Selvagem*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo
115 **Televisão** O telefilme *All the Way*, com Bryan Cranston, na HBO
116 **Cinema** *X-Men: Apocalipse*, de Bryan Singer
118 **Livros** Perfil de Jojo Moyes, autora do best-seller *Como Eu Era Antes de Você*
120 **VEJA Recomenda**
121 **Os livros mais vendidos**
122 **Roberto Pompeu de Toledo**

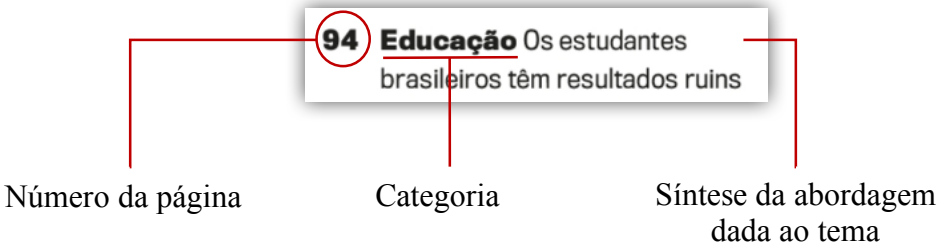
© JONNE RORIZ; SERGIO DUTTI

Tiragem 986 835 exemplares

Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 8 (grifo da autora).

FIGURA 2 – Índice da edição 2479 da Revista Veja, de 25 de maio de 2016.

Antes do tema de cada reportagem, o índice traz o número da página, a sua respectiva categoria ou tema principal e, na sequência, uma frase que não é necessariamente igual ao título da matéria, mas, sobretudo nesse caso em específico, uma síntese equivalente que transmite a abordagem dada ao tema: "Os estudantes brasileiros têm resultados ruins", conforme destacado na FIGURA 3.



Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 8 (grifos da autora).

FIGURA 3 – Destaque ampliado da citação da reportagem-alvo desta análise dentro do índice da Revista Veja.

5.1.3 Posição na revista

Ao chegar na página 94 da edição 2479, de maio de 2016 da Revista Veja, a reportagem "Fora do jogo" está na página à esquerda do ponto de vista do leitor, e a página ímpar situada à direita traz, coincidentemente, um anúncio do que seria um suplemento alimentar para melhorar o desempenho de atletas, fabricado nos Estados Unidos. O texto que acompanha a imagem diz: "**Qual é seu esporte?** Não importa a atividade física que você pratica. A **Caffeine Black Jack** da Midway irá promover o resultado que você procura" (REVISTA VEJA, 2016, p. 95).

Apesar de não constar no site PubliAbril uma distinção de valor entre páginas ímpares e pares, a Editora apresenta uma tabela em que se pode observar que o anúncio de página inteira na Revista Veja, como é o caso, é o mais caro de todas as publicações da empresa, custando R$413 mil ao anunciante (PUBLIABRIL, 2017b).

Na ilustração a seguir, é possível visualizar como ambas as páginas foram diagramadas na versão impressa da revista (FIGURA 4):

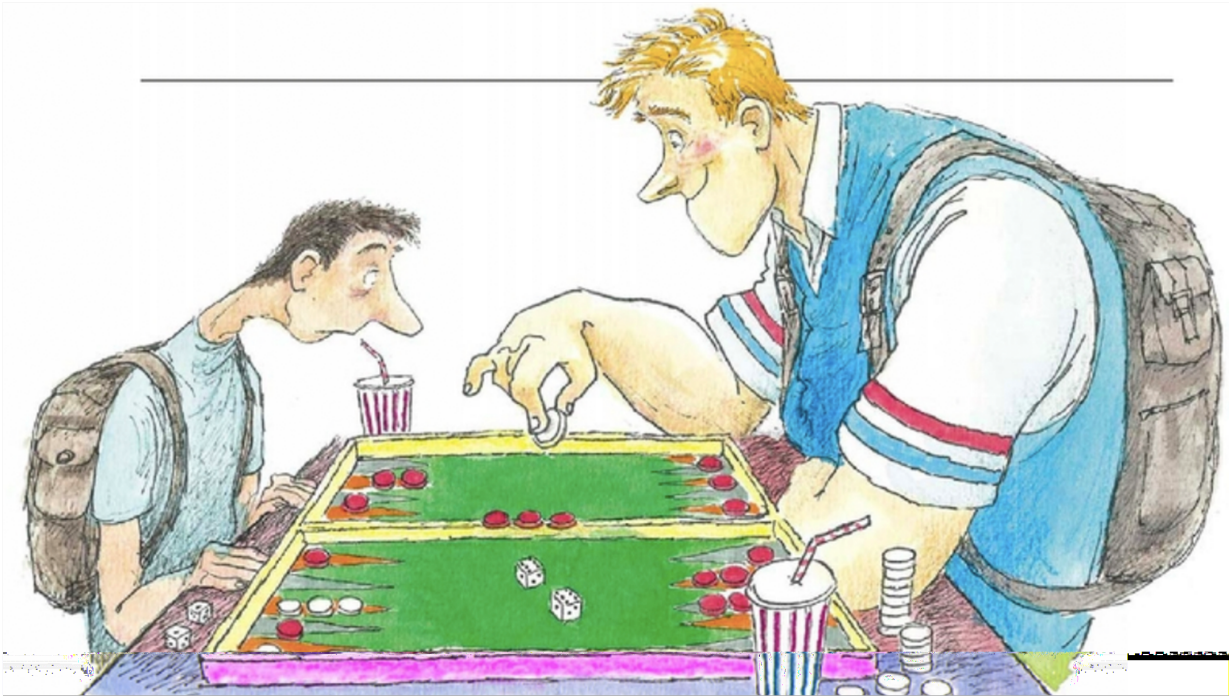
Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 94-95

FIGURA 4 – Representação de como as páginas 94 e 95 estão diagramadas na versão impressa da edição 2479 da Revista Veja, de 25 de maio de 2016.

Ainda que o foco da análise seja a reportagem em si, vale ressaltar mais uma vez que o contexto que antecede a sua apresentação, como o sumário e a sua posição dentro da revista, ainda que indiretamente aponta o grau de relevância dado ao assunto pela revista, e já prepara o leitor para o foco (negativo, nesse caso) com que será tratado.

5.1.4 Apresentação da reportagem

Ao abrir a página 94, a primeira coisa que o leitor vê é uma ilustração seguida do título “Fora do Jogo”, em letras grandes e negritadas, com muito destaque, além de uma frase de introdução, que juntas ocupam a metade superior da folha. O texto é assinado por Maria Clara Vieira, jornalista e mestre em Comunicação pela USP (2016). Na metade inferior, um breve texto com letras menores, no tamanho padrão das demais matérias da mesma revista (FIGURA 5).



FORA DO JOGO

Outra má notícia para a educação brasileira: nossos melhores estudantes têm desempenho semelhante ao dos alunos apenas medianos dos países mais desenvolvidos. MARIA CLARA VIEIRA

ALUNOS DE BOM desempenho escolar são o atalho mais rápido para a formação de gerações de espírito empreendedor e pendor criativo. Representam, enfim, a certeza de bom futuro para a economia de qualquer país. O Brasil parece fora desse jogo. Em um cruzamento inédito feito pelo Idados, instituto especializado em analisar os números globais do ensino, os brasileiros que estão no topo da pirâmide escolar tiram notas semelhantes às dos alunos apenas medianos da OCDE (organização que reúne as nações mais ricas). Sim: nossa elite estudantil ombreia com a turma mais ou menos dos países desenvolvidos. Apenas 0,5% dos brasileiros briga de igual para igual com a nata de lá.

O resultado foi garimpado nas planilhas do Pisa, exame aplicado pela OCDE desde 2000 para aferir o nível dos alunos de 15 anos em três áreas: leitura, matemática e ciências. A pesquisa do Idados se deteve na última prova de matemática, disciplina-mola para o avanço das várias ciências. É, portanto, uma medida contundente das possibilidades de o Brasil subir de patamar. O estudo não apenas pinta o retrato presente, como exibe o filmete do Brasil na sala de aula durante mais de uma década. Desde 2000, os bons estudantes até melhoraram nas notas, mas o avanço estancou em 2009, ao contrário do vigor revelado por países como China e Rússia, na curva do progresso.

O grande mérito da pesquisa é expor de maneira simples e didática um gargalo normalmente escamoteado em meio a tantos outros. Em geral, no Brasil, olha-se para a média geral dos estudantes, e não para o pódio dos mais talentosos. "Esses números deveriam acender um sinal vermelho e ajudar a romper com a complacência em relação às escolas que supostamente formam a jovem elite intelectual do país", diz Paulo Oliveira, doutor em matemática aplicada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), autor do estudo. O levantamento do Idados mostra que, mantido o ritmo de hoje, os brasileiros só alcançarão o atual patamar dos países mais bem-sucedidos na escola em 2060. Se conseguirmos o feito de dobrar a velocidade do avanço, o prazo encurtará para 2036. Só que o jogo está sendo jogado por todos, e as demais nações também devem evoluir. Para não ficar de fora do tabuleiro, o Brasil precisará agir com muito mais velocidade e cuidado do que faz habitualmente. ■

© NEGREIROS

Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 94.

FIGURA 5 – Imagem que representa a versão impressa da matéria “Fora do Jogo”, da Revista Veja.

Não há na página algo que indique o tema ou a seção a que essa matéria pertence. O título dialoga com a imagem, que ilustra uma partida de gamão[13]. Mas apenas lendo o texto de introdução é que o leitor compreende que o "jogo" a que o título se refere é, na verdade, a metáfora escolhida para falar da educação brasileira.

Esse conjunto de título, chamada e ilustração compõem o corpus principal dessa análise, a partir do qual se pretende compreender que efeitos de sentido pode imputar sobre a temática do PISA no Brasil. Além disso, foram extraídos do texto da matéria alguns termos que reforçam a ideia de que essa avaliação é um "jogo".

A seguir consta a reportagem em sua íntegra e, na sequência, as partes da matéria com suas respectivas análises.

5.1.5 Transcrição do texto na íntegra da reportagem

Fora do Jogo

Outra má notícia para a educação brasileira: nossos melhores estudantes têm desempenho semelhante ao dos alunos apenas medianos dos países mais desenvolvidos.

Alunos de bom desempenho escolar são o atalho mais rápido para a formação de gerações de espírito empreendedor e pendor criativo. Representam, enfim, a certeza de bom futuro para a economia de qualquer país. O Brasil parece fora desse jogo. Em um cruzamento inédito feito pelo Idados, instituto especializado em analisar os números globais do ensino, os brasileiros que estão no topo da pirâmide escolar tiram notas semelhantes às dos alunos apenas medianos da OCDE (organização que reúne as nações mais ricas). Sim: nossa elite estudantil ombreia com a turma mais ou menos dos países desenvolvidos. Apenas 0,5% dos brasileiros briga de igual para igual com a nata de lá.

[13] Jogo que se assemelha ao xadrez, em que cada jogador deve ir avançando com as peças sobre o tabuleiro para retirar as peças do adversário.

O resultado foi garimpado nas planilhas do PISA, exame aplicado pela OCDE desde 2000 para aferir o nível dos alunos de 15 anos em três áreas: leitura, matemática e ciências. A pesquisa do Idados se deteve na última prova de matemática, disciplina-mola para o avanço das várias ciências. É, portanto, uma medida contundente das possibilidades de o Brasil subir de patamar. O estudo não apenas pinta o retrato presente, como exibe o filmete do Brasil na sala de aula durante mais de uma década. Desde 2000, os bons estudantes até melhoraram nas notas, mas o avanço estancou em 2009, ao contrário do vigor revelado por países como China e Rússia, na curva do progresso.

O grande mérito da pesquisa é expor, de maneira simples e didática, um gargalo normalmente escamoteado em meio a tantos outros.

Em geral, no Brasil, olha-se para a média geral dos estudantes, e não para o pódio dos mais talentosos. "Esses números deveriam acender um sinal vermelho e ajudar a romper com a complacência em relação às escolas que supostamente formam a jovem elite intelectual do país", diz Paulo Oliveira, doutor em matemática aplicada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), autor do estudo.

O levantamento do Idados mostra que, mantido o ritmo de hoje, os brasileiros só alcançarão o atual patamar dos países mais bem-sucedidos na escola em 2060. Se conseguirmos o feito de dobrar a velocidade do avanço, o prazo encurtará para 2036. Só que o jogo está sendo jogado por todos, e as demais nações também devem evoluir.

Para não ficar de fora do tabuleiro, o Brasil precisará agir com muito mais velocidade e cuidado do que faz habitualmente.

Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 94 (grifos da autora).

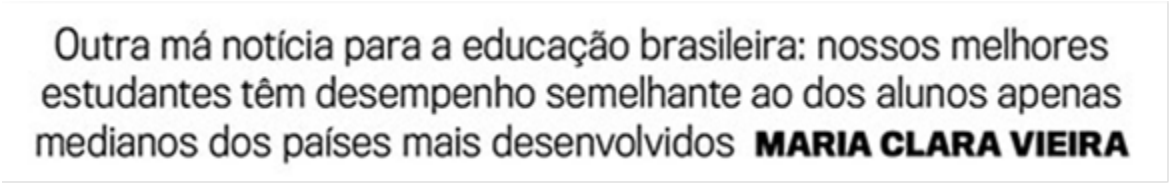
5.1.6 O título

Fonte: REVISTA VEJA, 2016.

FIGURA 6 – Título da reportagem “Fora do Jogo”, da versão impressa da Revista Veja.

O título não revela qual é o assunto exatamente, mas a palavra “jogo” expressa que a matéria é sobre algo que possui regras e, o mais importante, trata-se de uma competição, da qual alguém (um indivíduo ou um grupo) será vencedor. A palavra “fora”, porém, deixa claro que, nesse caso, estamos falando de alguém que já está desclassificado, ou seja, do perdedor. Mas quem é o perdedor só será esclarecido no texto de introdução.

5.1.7 A introdução



Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 94.

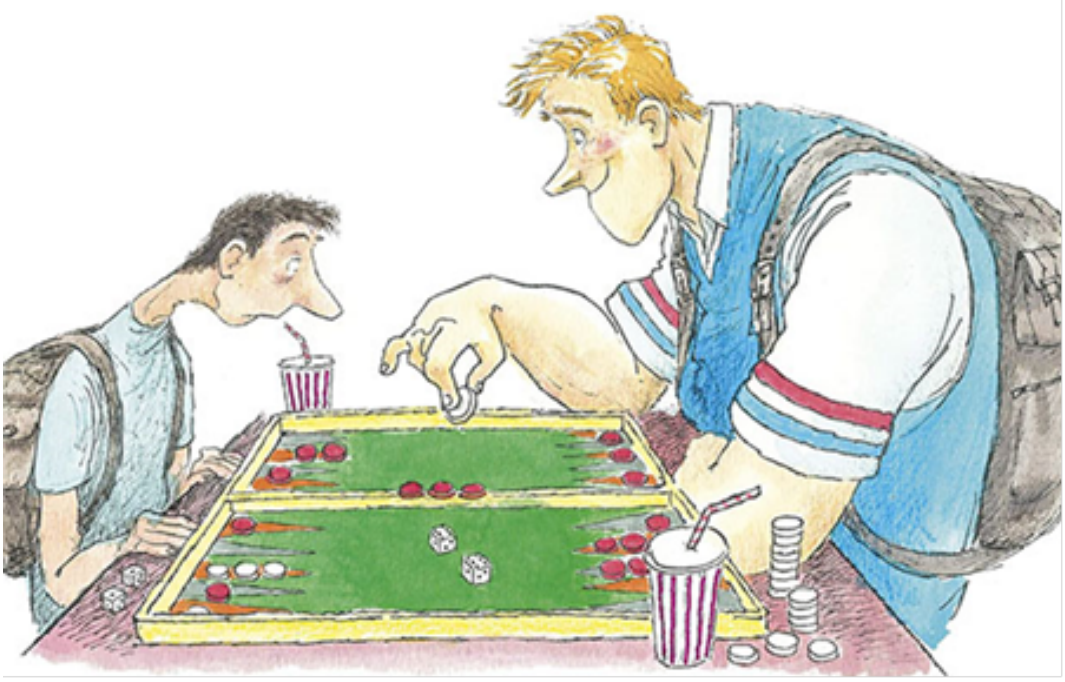
FIGURA 7 – Subtítulo (ou gravata) da reportagem “Fora do Jogo”, da versão impressa da Revista Veja.

Chamada no meio jornalístico como “gravata” (pela posição entre o título e o texto), o conteúdo exibido logo abaixo do título é uma frase que deve resumir a ideia geral do texto de forma direta, para que o leitor já entenda do que se trata, e atraente, para que o leitor se interesse pelo restante do texto.

A autora inicia a frase com a expressão “Outra má notícia para a educação brasileira”, o que remete a uma série de notícias ruins que não estão presentes em nenhum momento no texto, ou seja, a frase evoca a memória do leitor a respeito de outras informações acerca da educação no país com que provavelmente ele teve contato antes de ler essa matéria.

Em seguida, o texto pontua que “nossos melhores estudantes têm desempenho semelhante ao dos alunos apenas medianos dos países mais desenvolvidos”. A dicotomia criada entre os nossos estudantes e os dos outros países reforça a ideia de comparação, como se a prova em questão fosse uma competição e, assim como no título e na imagem (que veremos a seguir), o Brasil é mostrado em uma situação inferior, não-desenvolvido, o “perdedor”. Todo efeito de sentido dessa frase está muito atrelado a essa dualidade dos nossos e dos outros, a quem a autora atribui diferentes intensidades e graus de competência e, ao fazê-lo, legitima e até naturaliza todo um cenário ruim para a educação no Brasil.

5.1.8 A imagem



Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 94.

FIGURA 8 – Charge que ilustra a reportagem “Fora do Jogo”, da versão impressa da Revista Veja.

A ilustração que abre a página ocupa aproximadamente um terço do *layout*, e ao invés de ser um complemento pode-se dizer que ocupa a posição do elemento principal da matéria. O que se vê são dois jogadores disputando uma partida de Gamão, um "jogo de percurso" em que os jogadores devem avançar pelo tabuleiro "comendo" as peças do adversário. Os adversários, porém, apresentam claramente uma diferença a respeito de suas condições dentro do jogo, já sendo possível identificar quem está ganhando.

Ambos os jogadores carregam mochila nas costas e pode-se inferir que são estudantes, mas a "bagagem" é proporcional ao tamanho do corpo de cada um. Do lado esquerdo um rapaz magro, corpo franzino, pálido, com olheiras e postura visivelmente cansada, com apenas as pontas das mãos sobre a mesa. Seu olhar está voltado à jogada que o adversário está fazendo e seu aspecto é de "derrotado". Do lado direito, um jogador de porte atlético, bochechas rosadas, sorriso no rosto com a peça do adversário na mão. Seus braços estão apoiados sobre a mesa, e ao seu lado há uma pilha de peças que ele já "consumiu" do oponente, o que deixa claro que está com vantagem. Suas roupas são coloridas, com as cores dos Estados Unidos da América, e sua aparência pode ser vinculada à de um típico jovem norte-americano.

O jogador do lado esquerdo não precisa estar vestido de verde e amarelo para sabermos que ele representa o estudante brasileiro, citado na introdução. Ainda que os EUA não figurem como os melhores no *ranking* do PISA, é lugar comum no imaginário dos brasileiros acreditar que eles são mais desenvolvidos do que nós em todos os sentidos, que são o ideal que deveríamos alcançar, inclusive na educação.

Além desse *corpus* principal analisado acima, ao longo da matéria é possível encontrar termos que reforçam a ideia de que no PISA os países estão jogando uns contra os outros. É o caso da palavra "desempenho", que hoje faz parte do discurso contemporâneo da educação e também de diversas outras áreas, inclusive do esporte. Outros termos remetem à competição, como o uso do verbo "ombrear", no sentido de pôr-se obro a ombro com alguém, equiparar-se, tentar brigar de igual para igual, além da palavra "pódio" e das expressões "manter o ritmo", "alcançar" e "dobrar a velocidade" (FIGURA 9).

FORA DO JOGO

Outra má notícia para a educação brasileira: nossos melhores estudantes têm desempenho semelhante ao dos alunos apenas medianos dos países mais desenvolvidos. MARIA CLARA VIEIRA

ALUNOS DE BOM desempenho escolar são o atalho mais rápido para a formação de gerações de espírito empreendedor e pendor criativo. Representam, enfim, a certeza de bom futuro para a economia de qualquer país. O Brasil parece fora desse jogo. Em um cruzamento inédito feito pelo Idados, instituto especializado em analisar os números globais do ensino, os brasileiros que estão no topo da pirâmide escolar tiram notas semelhantes às dos alunos apenas medianos da OCDE (organização que reúne as nações mais ricas). Sim: nossa elite estudantil ombreia com a turma mais ou menos dos países desenvolvidos. Apenas 0,5% dos brasileiros briga de igual para igual com a nata de lá.

O resultado foi garimpado nas planilhas do Pisa, exame aplicado pela OCDE desde 2000 para aferir o nível dos alunos de 15 anos em três áreas: leitura, matemática e ciências. A pesquisa do Idados se deteve na última prova de matemática, disciplina-mola para o avanço das várias ciências. É, portanto, uma medida contundente das possibilidades de o Brasil subir de patamar. O estudo não apenas pinta o retrato presente, como exibe o filmete do Brasil na sala de aula durante mais de uma década. Desde 2000, os bons estudantes até melhoraram nas notas, mas o avanço estancou em 2009, ao contrário do vigor revelado por países como China e Rússia, na curva do progresso.

O grande mérito da pesquisa é expor, de maneira simples e didática, um gargalo normalmente escamoteado em meio a tantos outros. Em geral, no Brasil, olha-se para a média geral dos estudantes, e não para o pódio dos mais talentosos. Esses números deveriam acender um sinal vermelho e ajudar a romper com a complacência em relação às escolas que supostamente formam a jovem elite intelectual do país", diz Paulo Oliveira, doutor em matemática aplicada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), autor do estudo. O levantamento do Idados mostra que, mantido o ritmo de hoje, os brasileiros só alcançarão o atual patamar dos países mais bem-sucedidos na escola em 2060. Se conseguirmos o feito de dobrar a velocidade do avanço, o prazo encurtará para 2036. Só que o jogo está sendo jogado por todos, e as demais nações também devem evoluir. Para não ficar de fora do tabuleiro, o Brasil precisará agir com muito mais velocidade e cuidado do que faz habitualmente. ■

Fonte: REVISTA VEJA, 2016, p. 94.

FIGURA 9 – Apresentação do texto da reportagem "Fora do Jogo", na versão impressa da Revista Veja.

Essa análise nos permite compreender que a visão que a autora passa ao leitor sobre a educação brasileira, enfim, é sob uma perspectiva pessimista, pois as informações e dados que optou por trazer e ocultar (os ditos e não-ditos) estabelecem uma comparação do Brasil com os demais países, e não consigo mesmo, fator que poderia mostrar uma leve melhora nos exames se comparados a anos anteriores, conforme citado na contextualização deste trabalho.

5.2 REPORTAGEM "ESTÁ FALTANDO FÔLEGO" – REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351, 11 DE DEZEMBRO DE 2013

Uma segunda reportagem da Revista Veja foi selecionada para ser analisada na presente pesquisa, pois observou-se que também se utilizou da metáfora de jogo para discutir os resultados

do PISA divulgados em 2013, sobre a prova realizada em 2012. Antes de partirmos para a análise da reportagem propriamente, novamente vamos apresentar o contexto de sua divulgação dentro do veículo, o que possibilitará uma compreensão mais ampla de como o assunto foi tratado na publicação.

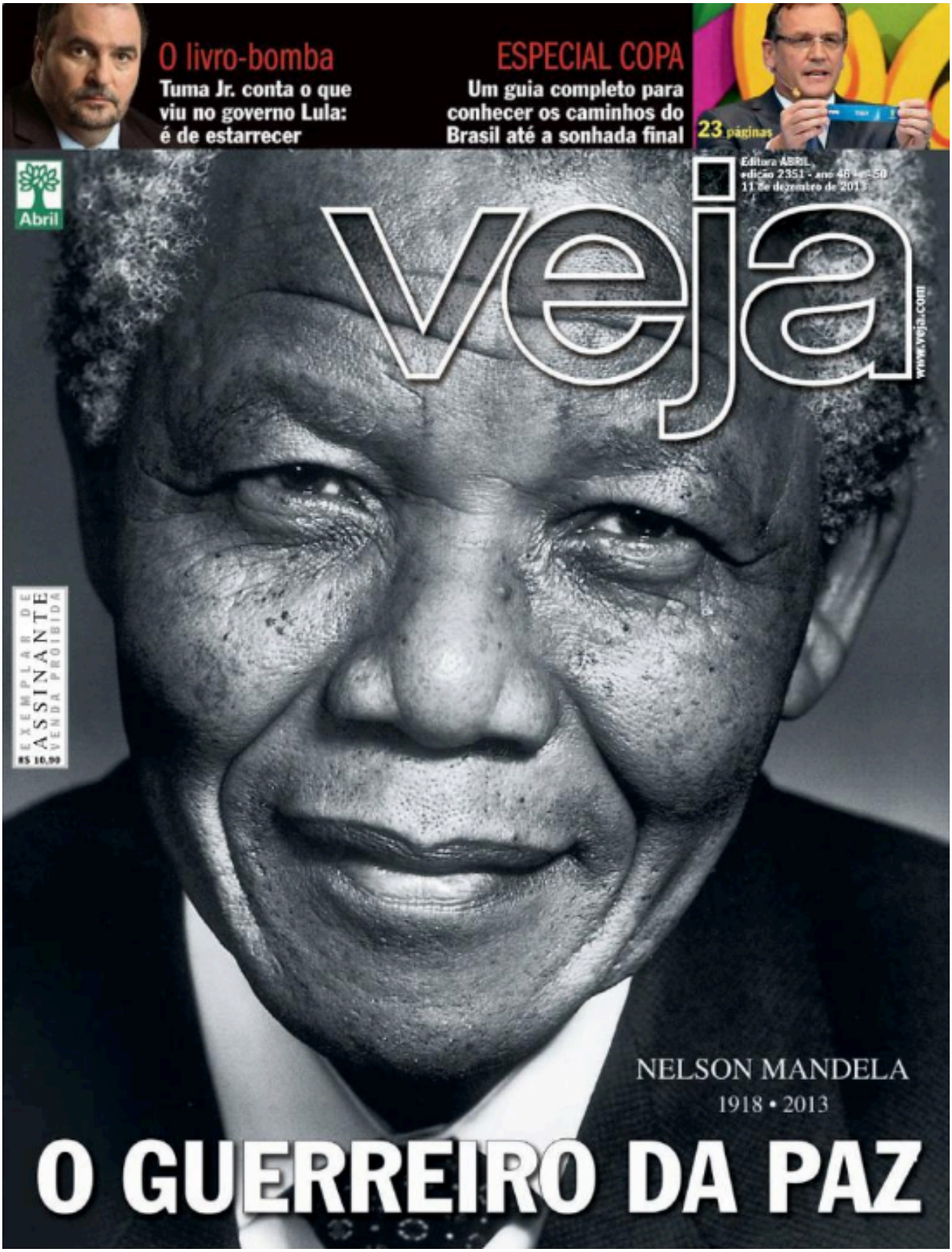
5.2.1 A capa

Nesse caso, a edição é um pouco mais antiga que a anterior, datada de 11 de dezembro de 2013, de número 2351. Sua capa traz como tema central a matéria intitulada: "Nelson Mandela – O guerreiro da paz", sobre o líder que falecera na semana anterior[14], sendo uma foto em preto e branco de seu rosto o plano de fundo da página inteira (FIGURA 10).

Acima do nome da revista, uma faixa de fundo liso e cor escura ressalta outras duas matérias: a primeira sugere a revelação de algum escândalo sobre o Governo Lula, mesmo dois anos depois de ter deixado o cargo de presidente do Brasil (seu mandato de oito anos aconteceu entre os anos de 2003 e 2010). O segundo destaque convida a conhecer um guia especial sobre a Copa do Mundo, que seria realizada no ano seguinte, indicando que haveria um caminho para o país alcançar a "sonhada final".

Essa chamada permite antecipar aqui uma reflexão: diferente do tom otimista sobre o potencial do Brasil no que diz respeito ao futebol, ao falar do PISA o veículo não parece acreditar em perspectivas muito boas para o país no âmbito da educação. Mas isso ficará mais evidenciado nas próximas páginas, com o desdobramento da análise que segue.

[14] Nelson Rolihlahla Mandela foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra, o que lhe conferiu o Prêmio Nobel da Paz de 1993. Mandela faleceu no dia 05 de dezembro de 2013.



Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 1.

FIGURA 10 – Capa da edição 2351 da Revista Veja, de 11 de dezembro de 2013.

5.2.2 O índice

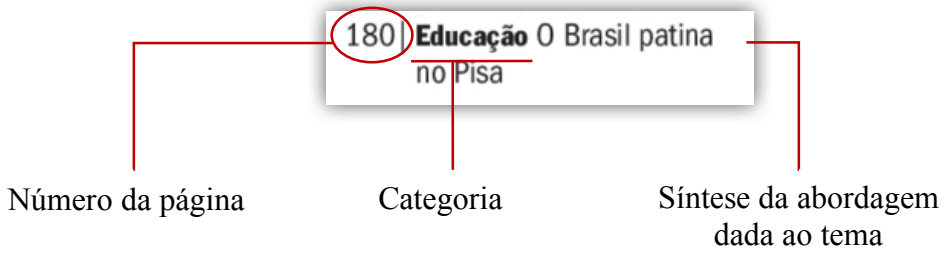
Nessa edição o índice foi diagramado de maneira a ocupar a metade superior de duas páginas. Em posição central está a foto de Nelson Mandela, personagem da matéria de capa. À esquerda está a relação das colunas fixas da revista e, por ordem crescente das páginas, vêm primeiro as reportagens contidas nas editorias de política e economia, acompanhadas de uma foto de Tuma Junior, que faz a chamada para aquele destaque da capa sobre o Governo Lula.

No canto superior direito há um destaque com imagem para a reportagem sobre a Copa do Mundo, também estampada na capa. A reportagem sobre o PISA é a última da categoria "Geral", na página à direita, depois dos temas tecnologia, saúde, ciência, urbanismo e esportes. A última coluna traz a relação de matérias relacionadas a guia de internet e artes.

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 12-13 (grifo da autora).

FIGURA 11 – Índice da edição 2351 da Revista Veja, de 11 de dezembro de 2013.

Assim como na reportagem anterior, ampliaremos a exibição do índice onde é citada a reportagem-alvo da análise para apresentar a frase que "chama" o leitor: "O Brasil patina no PISA" (FIGURA 12).



Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 13 (grifos da autora).

FIGURA 12 – Destaque ampliado da citação da reportagem-alvo desta análise dentro do índice da Revista Veja.

É curioso observar que, ainda que seja uma síntese da reportagem na íntegra, a chamada do índice (em que, coincidentemente, a Copa do Mundo está em destaque) já utiliza uma expressão que remete ao meio esportivo, quando diz que o Brasil "patina" no PISA. Novamente pode-se compreender, por meio dos dados recém-apresentados, a relevância que o assunto recebeu dentro da revista, além de antecipar ao leitor a abordagem (mais uma vez negativa) que a reportagem dá ao tema.

5.2.3 Apresentação da reportagem

Lançada em dezembro de 2013, a edição 2351 da Revista Veja trouxe, em quatro páginas (180 a 183), uma reportagem sobre o desempenho do Brasil no PISA, com a metáfora de jogo presente desde o índice, até o título, introdução e imagens.

Com uma fonte bastante marcante, o título ultrapassa a divisão das páginas, ocupando dois terços da largura total da reportagem na parte superior, com o último terço sendo destinado ao texto de introdução. Precedido pelo nome da autora do texto, Helena Borges[15], uma primeira parte do conteúdo propriamente aparece na página 180, à esquerda, dividido em três colunas, ocupando um pouco menos do que a metade da primeira página. Na figura que trazemos abaixo é

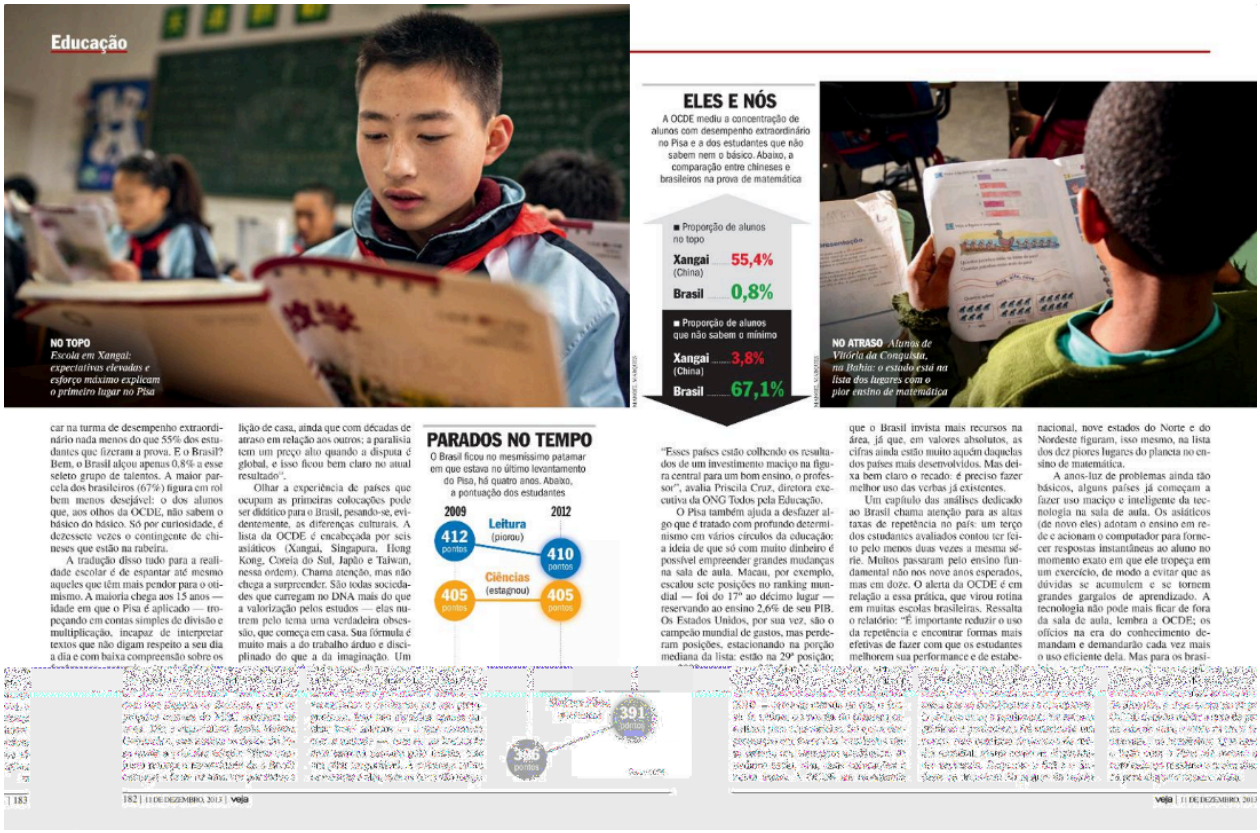
[15] Helena Borges é jornalista, trabalhou nas redações das revistas nacionais Veja e IstoÉ, com foco em cobertura nacional de política, educação, economia, meio ambiente e direitos humanos (THE INTERCEPT, 2017).

possível observar que a charge escolhida para ilustrar a matéria ocupa o equivalente a aproximadamente ¾ do espaço total destinado ao assunto, prevalecendo inclusive sobre o próprio texto (FIGURA 13).

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 180-181.

FIGURA 13 – Imagem que representa as páginas 180 e 181 da versão impressa da reportagem "Está faltando fôlego", da Revista Veja.

Nas páginas seguintes, as ilustrações ficam a cargo de fotografias de estudantes e dois infográficos (todos analisados mais detalhadamente na sequência do trabalho) e o conteúdo textual da reportagem fica distribuído em cinco colunas na metade inferior, sendo duas na página 182 e três na página 183 (FIGURA 14).



Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 182-183.

FIGURA 14 – Imagem que representa as páginas 182 e 183 da versão impressa da reportagem “Está faltando fôlego”, da Revista Veja.

O conteúdo dessas páginas é mais denso e informativo, abordando com mais detalhes a realização do PISA e evidenciando as diferenças entre Xangai e Brasil. Porém, por mais que não esteja tão evidente quanto nas páginas anteriores, a metáfora de jogo também se faz presente ao final do texto, conforme falaremos na sequência da análise.

Cabe ressaltar que, diferentemente da primeira reportagem analisada, essa segunda traz claramente o sobretítulo “Educação” tanto na página 180, quanto na página 182, o que possibilita ao leitor identificar o assunto principal rapidamente ao folhear a revista, ainda que ele opte por não ler a matéria.

5.2.4 Transcrição do texto na íntegra da reportagem

Está faltando fôlego

O Brasil aparece entre os últimos no novo ranking do ensino da OCDE e não dá sinais de reação para virar o jogo e conseguir um lugar no pódio global.

Se quiser saber como o Brasil está situado na competição global, consulte o *ranking* mundial do PIB, uma medida da riqueza no tempo presente. Mas, se quiser entender as chances de o país ingressar para valer na era do conhecimento e da inovação, o melhor será voltar o olhar para o mais abrangente termômetro da Educação, o PISA. Uma prova aplicada pela OCDE (a organização das nações mais desenvolvidas) que desde 2000 compara o desempenho escolar de jovens de dezenas de países em três áreas-chave: leitura, matemática e ciências. O último levantamento foi divulgado na semana passada e fez acender um sinal de alerta sobre o Brasil, que rasteja na 57ª posição entre 65 países. Na aferição anterior, estava em 53°. Alguns figurões em Brasília chegaram a celebrar o resultado ao ver a situação sob outro prisma. Tomando-se como base a década, os brasileiros foram os que mais evoluíram em matemática. Dominado pela euforia, o ministro Aloizio Mercadante disparou telefonemas para grandes cabeças da academia: queria comemorar. Compreensível. O problema é que no duríssimo tabuleiro global o país ficou onde sempre esteve — ladeado pelos piores. E não só isso: o PISA mostrou que o Brasil perdeu fôlego nessa maratona. Desde 2009 estamos marcando passo no mesmo sofrível patamar.

De todos os dados que o levantamento da OCDE trouxe à luz, talvez o mais esclarecedor seja aquele que se fixa nos dois extremos da sala de aula — o dos ótimos e o dos péssimos alunos. Nesse medidor, a China causa inveja até mesmo a países que tradicionalmente vão bem na Educação. Em matemática, a província de Xangai, campeã pela segunda vez consecutiva no *ranking* mundial, conseguiu emplacar na turma de desempenho extraordinário nada menos do que 55% dos estudantes que fizeram a prova. E o Brasil? Bem, o Brasil alçou apenas 0,8% a esse seleto grupo de talentos. A maior parcela dos brasileiros (67%) figura em rol bem menos desejável: o dos alunos que, aos olhos da OCDE, não sabem o básico do básico. Só por curiosidade, é dezessete vezes o contingente de chineses que estão na rabeira.

A tradução disso tudo para a realidade escolar é de espantar até mesmo aqueles que têm mais pendor para o otimismo. A maioria chega aos 15 anos — idade em que o PISA é aplicado — tropeçando em contas simples de divisão e multiplicação, incapaz de interpretar textos que não digam respeito a seu dia a dia e com baixa compreensão sobre os fenômenos naturais. As deficiências elementares reveladas pelos brasileiros na prova internacional vêm reforçar, com boa riqueza de detalhes, o que os próprios exames do MEC mostram há anos. Diz a especialista Maria Helena Guimarães, que analisa os dados do PISA desde a primeira edição: "Esse conjunto reforça a necessidade de o Brasil começar a fazer de uma vez por todas a lição de casa, ainda que com décadas de atraso em relação aos outros; a paralisia tem um preço alto quando a disputa é global, e isso ficou bem claro no atual resultado".

Olhar a experiência de países que ocupam as primeiras colocações pode ser didático para o Brasil, pesando-se, evidentemente, as diferenças culturais. A lista da OCDE é encabeçada por seis asiáticos (Xangai, Singapura, Hong Kong, Coreia do Sul, Japão e Taiwan, nessa ordem). Chama atenção, mas não chega a surpreender. São todas sociedades que carregam no DNA mais do que a valorização pelos estudos — elas nutrem pelo tema uma verdadeira obsessão, que começa em casa. Sua fórmula é muito mais a do trabalho árduo e disciplinado do que a da imaginação. Um ponto essencial ajuda a entender sua supremacia: os talentos da docência são, nesses países e províncias chinesas, reverenciados e cultivados por seu protagonismo. Isso não significa apenas ganhar bons salários — o que acontece com a maioria —, mas ter no horizonte uma carreira pautada pelo mérito, este um pilar inegociável. A cobrança sobre os mestres é alta. Mas os bons vão longe. "Esses países estão colhendo os resultados de um investimento maciço na figura central para um bom ensino, o Professor", avalia Priscila Cruz, diretora executiva da ONG Todos Pela Educação.

O PISA também ajuda a desfazer algo que é tratado com profundo determinismo em vários círculos da Educação: a ideia de que só com muito dinheiro é possível empreender grandes mudanças na sala de aula. Macau, por exemplo, escalou sete posições no *ranking* mundial — foi do 17° ao décimo lugar — reservando ao ensino 2,6% de seu PIB. Os Estados Unidos, por sua vez, são o campeão mundial de gastos, mas perderam posições, estacionando na porção mediana da lista: estão na 29ª posição: em 2009 estavam em 26°. Já a Malásia (a 31ª economia do mundo) destinou 12,5 bilhões de dólares à Educação em 2010 — cerca de metade do que o Brasil (a sétima economia do planeta) canalizou para suas escolas. Só que a desproporção em favor dos

brasileiros não se refletiu em vantagem acadêmica: os malaios estão, sim, duas colocações à nossa frente. A OCDE até recomenda que o Brasil invista mais recursos na área. Já que, em valores absolutos, as cifras ainda estão muito aquém daquelas dos países mais desenvolvidos. Mas deixa bem claro o recado: é preciso fazer melhor uso das verbas já existentes.

Um capítulo das análises dedicado ao Brasil chama atenção para as altas taxas de repetência no país: um terço dos estudantes avaliados contou ter feito pelo menos duas vezes a mesma série. Muitos passaram pelo Ensino fundamental não nos nove anos esperados, mas em doze. O alerta da OCDE é em relação a essa prática, que virou rotina em muitas escolas brasileiras. Ressalta o relatório: "É importante reduzir o uso da repetência e encontrar formas mais efetivas de fazer com que os estudantes melhorem sua performance e de estabelecer expectativas mais altas entre eles". Uma ideia amplamente aceita é prover reforço aos que forem ficando para trás, antes que as deficiências se cristalizem. O abismo entre o rendimento de escolas públicas e particulares foi suavizado um pouco, mas continua destoando da média mundial, assim como as disparidades regionais. Enquanto o Sul e o Sudeste se descolam 30 pontos da média nacional, nove estados do Norte e do Nordeste figuram, isso mesmo, na lista dos dez piores lugares do planeta no ensino de matemática.

A anos-luz de problemas ainda tão básicos, alguns países já começam a fazer uso maciço e inteligente da tecnologia na sala de aula. Os asiáticos (de novo eles) adotam o ensino em rede e acionam o computador para fornecer respostas instantâneas ao aluno no momento exato em que ele tropeça em um exercício, de modo a evitar que as dúvidas se acumulem e se tornem grandes gargalos de aprendizado. A tecnologia não pode mais ficar de fora da sala de aula, lembra a OCDE; os ofícios na era do conhecimento demandam e demandarão cada vez mais o uso eficiente dela. Mas para os brasileiros sonharem em ombrear um dia com os melhores do mundo será preciso, antes de tudo, uma radical mudança de filosofia. A duas semanas da prova, a OCDE decidiu medir a taxa de presença na sala de aula, e entre os mais faltosos estavam... os brasileiros. Que aprendam a lição com o PISA: ele mostra que só com esforço máximo e muita disciplina dá para disparar nessa corrida.

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 180-183 (grifos da autora).

5.2.5 O título

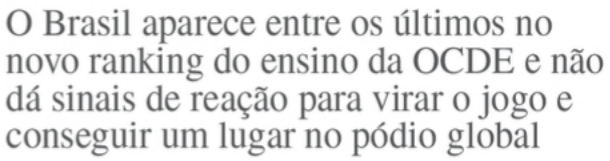
Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 180-181.

FIGURA 15 – Título da reportagem “Está faltando fôlego”, da versão impressa da Revista Veja.

Imediatamente acima do título encontra-se uma linha vermelha que o separa de um sobretítulo que, em termos jornalísticos, é chamado de “chapéu”. A palavra “Educação” nessa posição, portanto, tem a função de “contextualizar o título, desobrigando-o de abarcar toda a informação. É um reforço à ideia central da notícia” (SENADO FEDERAL, 2017). Esse elemento, de fato, já explicita ao leitor o objeto a quem o título se refere: “Está faltando fôlego” para quem? Para a Educação.

Apesar de o leitor ainda não saber especificamente o que dentro do universo educacional será abordado, a expressão escolhida para intitular a matéria antecipa que as informações que virão podem não ser tão boas. O termo “falta de fôlego” pode ser instantaneamente relacionado a algum problema de saúde, provavelmente respiratório, de modo que o sujeito a quem o fôlego falta fica para trás, não alcança seu objetivo. No âmbito esportivo, seja no atletismo, natação, futebol ou qualquer outro que exija um certo esforço físico, essa expressão remete à falta de preparo, ou preparo inadequado: um atleta sem fôlego provavelmente não conseguiu conquistar um bom desempenho na sua prova, se é que chegou a completá-la.

5.2.6 A introdução



Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 181.

FIGURA 16 – Subtítulo (ou gravata) da reportagem "Está faltando fôlego", da versão impressa da Revista Veja.

A “gravata” dessa reportagem foi diagramada de modo a ocupar a posição lateral do título, quase que como uma continuação da frase “Está faltando fôlego”. Cumprindo com seu objetivo de resumir para o leitor, de forma direta, do que se trata o texto, nesse ponto fica claro: a quem “falta o fôlego” no âmbito educacional é o Brasil que, de acordo com a chamada, está entre os últimos no *ranking* da OCDE.

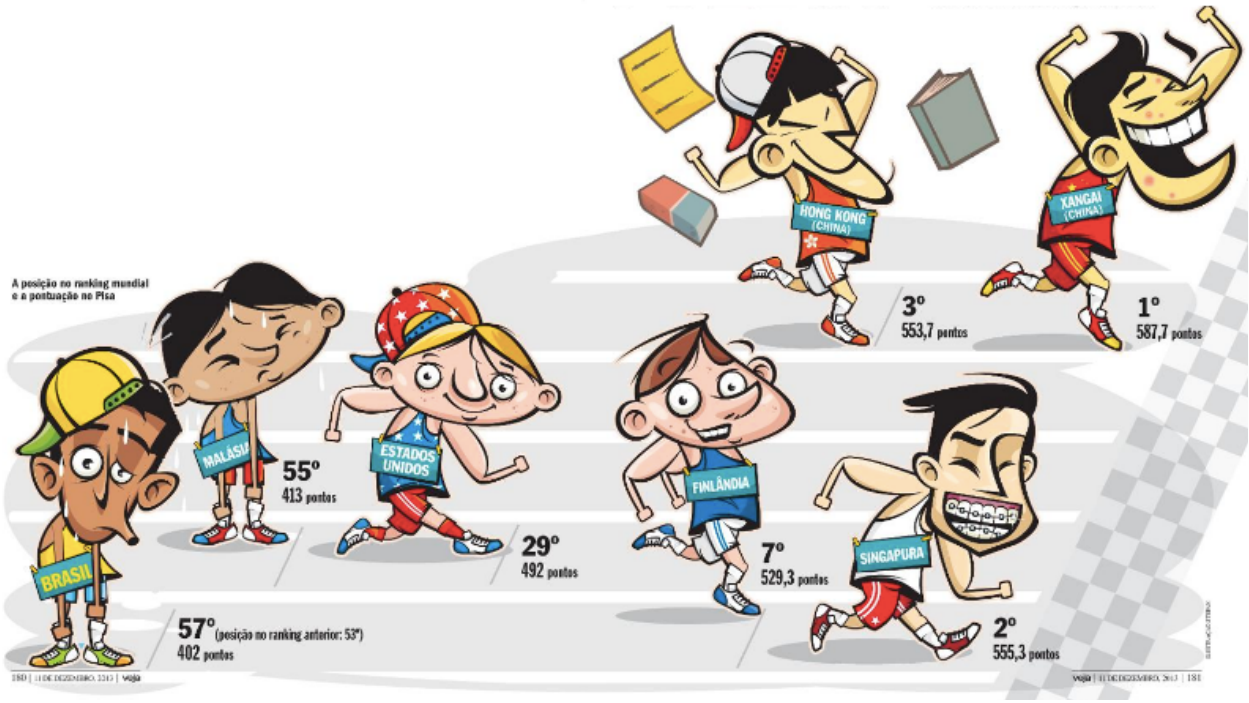
Além do uso da expressão “*ranking*”, que por si só transmite a ideia de uma lista dos melhores no topo, seguida dos piores nas últimas posições (onde já se sabe que aparece o Brasil), a introdução da notícia reforça o estado de saúde precário do país quando continua: “e não dá sinais de reação para virar o jogo e conseguir um lugar no pódio global”.

Em reforço ao termo “falta de fôlego”, o fato de o Brasil não dar sinal de reação mostra ao leitor que não estamos apenas com problemas de saúde, mas que o quadro pode ser grave, pode ser que o país não consiga se recuperar e permaneça nessa condição.

Ao ser sucedida pela expressão “virar o jogo”, o termo “reação” novamente remete ao meio esportivo, pois um time ou atleta que está perdendo precisa reagir para mudar sua situação e quem sabe até vencer seu adversário, ou ao menos melhorar o seu resultado.

É essa a ideia contida no último trecho da “gravata”, que fala de “conseguir um lugar no pódio global”. O pódio, que também já surgiu na análise anterior, é a plataforma em que sobem os primeiros colocados nas competições. Conquistar um lugar no pódio global, portanto, não significa que o Brasil deveria superar apenas seus próprios resultados, mas que precisaria trabalhar para estar entre os melhores do mundo.

5.2.7 A ilustração das páginas 180 e 181



Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 180-181.

FIGURA 17 – Desenho que ilustra as páginas 180 e 181 da reportagem "Está faltando fôlego", da Revista Veja.

Assinada pelo ilustrador Stefan Pastorek, o desenho que apresenta (e representa) a matéria da Revista Veja “Está faltando fôlego” pode ser considerado um protagonista. Ocupando a largura total de duas páginas e praticamente dois terços da altura, a representação da linha de chegada em uma pista de corrida simboliza de forma bem significativa e direta a mensagem da reportagem. Uma pequena legenda na parte superior esquerda explica o que são os números: “A posição no *ranking* mundial e a pontuação no PISA”.

Como a leitura ocidental naturalmente acontece da esquerda para a direita, a primeira figura que vemos representa o competidor brasileiro, de pele mais morena que os demais, roupa e acessórios nas cores verde e amarelo, o nome do país “colado” na camiseta e uma expressão facial de alguém completamente exaurido, com suor escorrendo da cabeça e a boca em formato de “bico”, como a de quem respira fundo, tentando recuperar o ritmo respiratório, ou o “fôlego” perdido. As mãos estão apoiadas nas pernas, com as costas curvadas, exibindo um corpo sem

força, sem a energia e vitalidade necessárias para se sustentar sozinho. Os números reforçam: esse competidor totalizou 402 pontos, ficando em 57º lugar, contra a posição de 53º no *ranking* anterior.

Um pouco acima e à direita está o atleta malaio em condições semelhantes à do brasileiro, mas que chegou duas posições à frente (55º lugar), com 413 pontos. Já com uma expressão mais alegre, aparece o personagem que representa os Estados Unidos (29º lugar, 492 pontos), com os braços fortes e pernas como que ainda em movimento, disposto a continuar na corrida. Mais à frente, com o peito "estufado" está o atleta da Finlândia (7º lugar, 529,3 pontos) e, com uma expressão plena de alegria e satisfação, os personagens de Hong Kong (3º lugar, 553,7 pontos), Singapura (2º lugar, 555,3 pontos). O primeiro lugar, por sua vez, com a boca aberta e braços levantados, parece gritar e pular comemorando a conquista com o pé direito prestes a pisar na linha de chegada, representando Xangai (1º lugar, 587,7 pontos). Vale complementar que, próximo aos primeiros lugares, estão desenhados também elementos que remetem à Educação (um livro, uma borracha e uma folha de papel).

No próximo item, vamos "virar a página" para tratar das ilustrações das páginas 182 e 183 para, na sequência, retomarmos a análise do texto apresentado na matéria de forma integral.

5.2.8 As fotografias e infográficos das páginas 182 e 183

Conforme recém apresentado, pode-se dizer que, mesmo sem ler o texto, as imagens trazidas nessa matéria explicitam ao leitor o teor da reportagem, e com as ilustrações das páginas 182 e 183 não é diferente.

Apesar do tom ser mais formal, pois são fotografias ao invés de desenhos, o que essas imagens transmitem reforça a grande dicotomia entre Brasil e os outros países, tratados como mais desenvolvidos. Nesse caso, o confronto é feito diretamente com Xangai, que na edição de 2012 do PISA conquistou o primeiro lugar no *ranking* (FIGURA 18).

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 182-183.

FIGURA 18 – Fotografias e infográfico que ilustram as páginas 182 e 183 da reportagem "Está faltando fôlego", da Revista Veja.

A grande fotografia estampada no canto superior esquerdo da página, local naturalmente privilegiado pelo percurso natural dos olhos do leitor, é de um estudante uniformizado posicionado de frente, de forma que é possível visualizar seu rosto, com traços orientais, lendo um livro. A foto foi tirada levemente de baixo para cima, de forma que o enquadramento permite visualizar como plano de fundo um quadro negro e outros estudantes também lendo e uniformizados, aparentando estarem dentro de uma sala de aula.

Sobre a imagem, além do “chapéu” Educação, vemos a legenda que traduz e complementa a fotografia: “NO TOPO. Escola em Xangai: expectativas elevadas e esforço máximo explicam o primeiro lugar no PISA” (FIGURA 19).

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 182.

FIGURA 19 – Ampliação da fotografia que representa o estudante chinês[16].

Na página direita, em tamanho reduzido, está impressa outra fotografia que também traz um estudante lendo um livro, com a diferença de que este está posicionado de costas, não sendo possível ver o seu rosto, mas apenas a pele morena no pescoço e mãos. O enquadramento dessa vez foi feito de cima para baixo, o que mostra o pedaço inferior de duas cadeiras e um pouco do chão, ou seja, quase não é possível visualizar o espaço físico em que o aluno está, mas pode-se supor que é uma sala de aula. Com o livro em evidência, pode-se identificar que está em português, mas é a legenda que confirma tratar-se de um estudante brasileiro: "NO ATRASO. Alunos de Vitória da Conquista, na Bahia: o estado está na lista dos lugares com o pior ensino de matemática" (FIGURA 20).

[16] Para mostrar a diferença de tamanho entre as duas fotografias na versão impressa da revista, as proporções dessas imagens foram mantidas.

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 183.

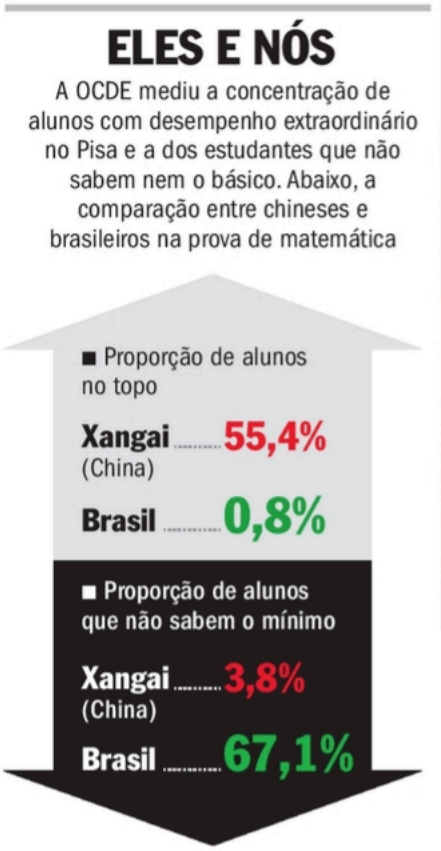
FIGURA 20 – Ampliação da fotografia que representa o estudante brasileiro[17].

Apesar de esses exemplos não se utilizarem da metáfora do jogo para estabelecer a comparação entre os países participantes do PISA, não se pode deixar de falar mais uma vez do sentido de competição atribuído à avaliação a partir da dicotomia "eles *versus* nós".

Além da posição e tamanho das fotografias, do seu enquadramento, das legendas, dos personagens e sentidos que estão ali representados, entre as duas fotografias é apresentado um infográfico e um breve texto que traz explicitamente essa mensagem:

> ELES E NÓS. A OCDE mediu a concentração de alunos com desempenho extraordinário no PISA e a dos estudantes que não sabem nem o básico. Abaixo, a comparação entre chineses e brasileiros na prova de matemática (REVISTA VEJA, 2013, p. 183).

[17] Para mostrar a diferença de tamanho entre as duas fotografias na versão impressa da revista, as proporções dessas imagens foram mantidas.



Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 183.

FIGURA 21 – Infográfico comparando o desempenho no PISA de estudantes brasileiros e chineses.

A última imagem trazida dentro dessa reportagem, ao contrário das demais, não estabelece uma comparação do Brasil com outros países, mas sim com ele mesmo na edição anterior da aplicação da prova. Com o título “Parados no tempo”, a imagem mostra a pontuação obtida em cada uma das áreas de conhecimento avaliadas nos anos de 2009 e 2012, sinalizando uma estagnação:

Fonte: REVISTA VEJA, 2013, p. 182.

FIGURA 22 – Infográfico que compara o desempenho do Brasil no PISA 2009 e 2012.

Ainda que os resultados sejam apresentados pela revista como “estagnados”, a partir desse infográfico se pode afirmar que, pela primeira vez dentro das reportagens analisadas, aparece uma imagem que está de acordo com a proposta oficialmente divulgada pela OCDE com a realização do PISA, de que os resultados sirvam como parâmetros para que o país possa medir, acompanhar e buscar melhorias para seu sistema educacional comparado a ele mesmo, conforme foi apresentado no capítulo três deste trabalho.

5.2.9 O texto

Apesar do título, da introdução e da imagem que acompanham o texto desde a primeira página dessa matéria fazerem referência direta à metáfora de jogo, ao discorrer sobre o assunto a autora não faz o uso tão recorrente desse recurso quanto na análise anterior. Ainda assim, é possível extrair algumas expressões que reforçam a ideia de competição, conforme grifos no item 5.2.4 deste trabalho.

Mais do que os termos "competição global" e "*ranking* mundial", que passam essa mensagem já no primeiro parágrafo do texto, pode-se destacar o uso da palavra "rasteja" para falar da situação do Brasil na 57ª posição. Em seguida, após um breve período em que a jornalista comenta o que seria uma visão positiva desses resultados, o texto volta a falar da posição ruim do país no "tabuleiro global", "ladeado pelos piores", criando a imagem negativa de uma equiparação aos demais competidores. Ao terminar esse parágrafo, a expressão do título e ilustração da primeira página são reforçadas na frase: "o Brasil perdeu fôlego nessa maratona [...] marcando passo no mesmo sofrível patamar".

Nos cinco parágrafos seguintes, termos pontuais com essa conotação de esportes e competição podem ser destacados: "tropeçando", "disputa", "escalou", "campeão mundial", "perderam posições" e "ficando para trás" surgem em meio a uma contextualização que a jornalista faz não apenas sobre o desempenho do Brasil, mas também contrapondo a questão de que o desempenho na avaliação é proporcional ao investimento do país em educação, a exemplo do que acontece com Macau, Estados Unidos e Malásia.

No sétimo e último parágrafo, a jornalista fala sobre o uso de tecnologia em sala de aula como um dos recursos a que os asiáticos recorreram para melhorar seu sistema educacional e, retomando a ideia de jogo, usa o verbo "ombrear" (também presente na primeira análise) para sugerir que o Brasil busque alcançar os melhores do mundo. A última frase, porém, não deixa a desejar na comparação com uma competição esportiva: a reportagem encerra com a mensagem de que "só com esforço máximo e muita disciplina dá para disparar nessa corrida" (REVISTA VEJA, 2013, p. 183).

5.3 RELAÇÃO ENTRE AS ANÁLISES

Apesar de serem apenas duas em todo o universo de reportagens publicadas na Revista Veja sobre o PISA, o *corpus* analisado nos tópicos recém-apresentados pode ser considerado bastante significativo sobre a visão que a mídia ajuda a construir e divulgar sobre a Educação no Brasil.

A primeira é mais curta e traz menos dados sobre a realização da prova em si, mas consegue de forma marcante expor a opinião de que o país está muito aquém do esperado, quando se tem como referência os países considerados mais desenvolvidos. A charge, que ocupa praticamente o mesmo espaço que o texto na diagramação, quase o torna desnecessário, um "acessório" que apenas vem reforçar a imagem de um sistema educacional fraco, "franzino", sem vitalidade e perspectiva de "virar o jogo". O anúncio publicado ao lado do texto, ironicamente parece sugerir que o que falta é vitamina, energia, algo que pode ser produzido e vendido pelos Estados Unidos para todo o mundo.

O título e a imagem da corrida presentes na segunda reportagem também representam muito bem a visão do veículo sobre o desempenho de nossos estudantes. Mas o texto, por sua vez, não se limita a emitir opiniões, incluindo em seu teor muitos números, dados e reflexões sobre as práticas educacionais que distinguem o Brasil dos demais países, ocupando quatro páginas inteiras daquela edição, o que permite compreender que é preciso uma discussão mais aprofundada sobre esse quadro.

A metáfora de jogo, que foi a primeira característica a se destacar em ambos os textos, contudo, não é a única peculiaridade que os aproxima: apesar de terem sido escritos com três anos de diferença (2013 e 2016), ambos os textos trazem aos seus leitores uma abordagem negativa, e até pessimista sobre o futuro da educação brasileira. Apenas pelos títulos de todo o universo levantado (vide apêndice 1), aliás, pode-se observar que essa visão de fato prevalece, como se aspectos positivos e de crescimento para a educação brasileira fossem praticamente inexistentes, ou pelo menos insuficientes para se tornarem o assunto principal de uma matéria jornalística, como problematizaremos em mais detalhes nas considerações finais.

PLACAR DO JOGO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final da partida, mais do que olhar para os resultados, é necessário lembrar os passos que foram dados até aqui. Para isso, retomaremos primeiramente o problema que a pesquisa buscava responder: como a mídia constrói as subjetividades contemporâneas em educação no Brasil?

Ao fazer tal questionamento, traçamos como objetivo principal contribuir para uma reflexão sobre os possíveis efeitos de sentido veiculados pela mídia, propondo uma discussão à luz dos críticos da Escola de Frankfurt e seus sucessores sobre o seu papel no mundo contemporâneo.

O referencial teórico ganhou densidade ao acrescentarmos a essa perspectiva a linha francesa da análise de discurso, começando pela noção que Pecheux (2012) apresenta sobre o indivíduo enquanto resultado de um processo histórico-social, sendo constituído e constituinte de um contexto que o transforma continuamente em sua relação com o outro. Os conceitos foucaultianos (1979, 1995, 2004, 2006, 2014) de discurso, governamentalidade e regimes de verdade enriqueceram a percepção acerca da relação entre poder e saber que está sempre em "jogo" na sociedade, envolvendo tanto os indivíduos quanto as instituições, em um fluxo constante e inevitável de objetivação e subjetivação de ambas as partes.

Tal embasamento também serviu para nortear as análises discursivas realizadas neste trabalho, conforme os seguintes objetivos específicos: analisar duas reportagens da Revista Veja, problematizando como atuam na construção de jogos de verdade do PISA Brasil; levantar os modos de objetivação/subjetivação veiculados por essas referidas reportagens; mostrar como os modos de objetivação/subjetivação se materializam linguística e imageticamente nessas reportagens.

A partir da concretização dessas análises, portanto, algumas considerações podem ser registradas para contribuírem com a compreensão do questionamento levantado pelo problema de pesquisa, além de apontarem de que forma os objetivos propostos foram alcançados.

As reportagens selecionadas como objeto de estudo mostram que, ao escrever sobre o desempenho dos estudantes brasileiros no PISA, a mídia pode sim atuar na construção – ou ao menos corroborar com – de um cenário de ineficiência do nosso sistema educacional. Desde as

palavras e imagens escolhidas, até os dados que optaram por omitir (conscientemente ou não), fazem com que o conteúdo materializado nas páginas impressas de ambas as revistas transmita ao leitor a sensação de que estamos muito distantes de conseguir "virar o jogo" no que diz respeito a melhorias na Educação.

Ao colocar o Brasil lado a lado com as maiores potências do mundo, desconsiderando outros fatores históricos, sociais, econômicos e políticos, a mídia evidencia e reforça um sentimento latente de inferioridade do povo brasileiro, ainda que comparado a economias nem tão desenvolvidas nesses mesmos aspectos. Por mais que uma das matérias busque contextualizar a questão, relacionando-a a características socioeconômicas dos países, a mensagem mais direta acaba sendo simplesmente a de que o Brasil está muito distante de oferecer aos seus jovens uma "boa educação".

A escolha das metáforas relacionadas a jogos e esportes também acaba por reforçar no leitor o sentimento de "fracasso", já que, contrária ao lema "o importante é competir", trazem explicitamente que esse jogo tem sim ganhadores e perdedores, e já sabemos em qual deles nos encaixamos. Além disso, no "país do futebol", podemos deduzir que a opção por essa linguagem pretende atrair e aproximar o leitor, além de atribuir ao assunto um tom mais informal, o que acaba por facilitar a apropriação da mensagem transmitida.

A relevância dada ao assunto dentro dos veículos, ainda, é sintomática e permite subentender que a mídia também dá à educação um espaço secundário: as capas e chamadas principais remetem a assuntos mais polêmicos ou de maior visibilidade naquele momento, afinal, como as próprias reportagens afirmam, a educação permanece "no mesmo patamar" em que sempre esteve, naturalizando o fato de que não há muita mudança ou novidade para ser divulgada a esse respeito.

Para encerrar, retomando a linha teórica que embasa a presente pesquisa, é importante colocar que, mais do que levantar essa discussão no meio acadêmico ou entre os profissionais da Educação – e lembrando que a minha formação originalmente é em Comunicação Social – proponho estender a reflexão também para os profissionais dessa área.

É difícil sustentar o discurso que muitos jornalistas e veículos de comunicação buscam manter de que difundem "verdades puras", por mais que possamos considerar que essas ainda são sua matéria-prima. Na faculdade aprendemos que, apesar de o sujeito estar imerso no contexto do qual está falando, na prática jornalística é fundamental que o profissional busque ao máximo a

neutralidade ou ao menos um distanciamento, para que consiga visualizar e transmitir a informação sem fazer juízo de valor. Mas, se compreendemos que os sujeitos são invariavelmente atravessados pelas relações de poder, as instituições criadas e mantidas por esses mesmos indivíduos, por consequência, acabam se configurando como instrumentos que apenas reforçam, legitimam e até naturalizam essa relação tão imbricada, entre indivíduo, poder, sociedade e instituições.

Então fica outra questão aos leitores, consumidores da mídia ou mesmo desta pesquisa: se o profissional da comunicação não consegue ou não pode agir dessa forma, porém, o que seria possível do ponto de vista de quem consome essas verdades? Poderiam os indivíduos conseguir ter um olhar distanciado para poderem analisar criticamente o que daquilo que estão consumindo lhes é válido?

Essas perguntas não encontrarão respostas tão facilmente, tampouco neste trabalho. O que posso afirmar, por ora, é que uma vez deslocado da ilusão de ser totalmente livre, independente, genuinamente constituído por suas próprias vontades e opiniões, o indivíduo "volta para o jogo" consciente de que cada jogada que fizer, por menor que seja, poderá transformar drasticamente o placar final.

E é com esse propósito que buscarei me manter daqui em diante, sempre disposta a enfrentar a próxima partida, sabendo que, por mais que busque me preparar ao máximo, o importante será mergulhar o mais fundo que puder, pois menor será o controle e maior será o crescimento e transformação quando o apito tocar. E convido você, leitor, a fazer o mesmo: vamos jogar?

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDI. **Mídia e Educação**: perspectivas para a qualidade da informação. Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.andi.org.br/file/50204/download?token=hieVkmqk>. Acesso em: 29 dez. 2017.

BRASIL. **PISA**: Programme for International Student Assessment – Programa Internacional de Avaliação de Alunos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, 27/11/2015. Disponível em: <http://portal1.iff.edu.br/pesquisa-e-inovacao/escritorio-de-cooperacao-internacional/cursos-e-certificacoes/pisa-programa-internacional-de-avaliacao.pdf >. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARVALHO, Eleonora de Magalhães. **Imprensa e poder:** politização ou partidarização dos jornais brasileiros? In: 5º CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO POLÍTICA, 5ª ed. **Anais**. Curitiba: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2013.

CARVALHO, Luís Miguel. Governando a educação pelo espelho do perito: uma análise do PISA como instrumento de regulação. In: **Educação & Sociedade** [*On-line*], 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/873/87313699005/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 21.ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COSTA, Cristina. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: Senac, 2002.

DUARTE, Rodrigo. **Adorno / Horkheimer & A Dialética do Esclarecimento**. 4.ª ed. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537806203/>. Acesso em: 25 fev. 2017.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. *In*: **Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos**. Disponível em: <http://documents.scribd.com.s3.amazonaws.com/docs/183hgx8fuo123zud.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise do discurso e suas interfaces**: o lugar do sujeito na trama do discurso. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/28636/17316>. Acesso em: 14 mar. 2017.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2005.

FIDALGO, António. **A distância como virtude**. Considerações sobre ética da comunicação. 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-distancia.html>. Acesso em: 21 out. 2016.

FOLQUENING, Victor Emanoel. **O jornalismo é um humanismo:** representações sociais de estudantes de comunicação. Curitiba: Pós-escrito, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. p. 163-172.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. Poder e Saber. In: **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 223-240.

GRANDO, Carolina Pompeo. **Há espaço para a ética de convicção no jornalismo?** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ha-espaco-para-a-etica-de-conviccao-no-jornalismo/>. Acesso em: 21 out. 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *In*: **Comunicação, mídia e consumo**, 2007. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em: 21 out. 2016.

GRUPO ABRIL. **Veja**: missão e valores. Disponível em: <http://www.grupoabril.com.br/pt/o-que-fazemos/midia/marcas-e-empresas/unidade-noticias-e-negocios/Veja/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no PISA 2015**: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros / OCDE-Organização

para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Fundação Santillana, 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. **PISA**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/pisa>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. **Pode o dinheiro comprar um bom desempenho no PISA?** *In*: PISA em foco [*On-line*], 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/pisa_em_foco/2011/pisa_em_foco_n13.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LAZARSFELD, Paul; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. **The People's Choice**. New York: Columbia University Press, 1948.

LAZARSFELD, Paul; MERTON, Robert. Comunicação de Massa, Gosto Popular e Ação Social Organizada. *In*: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. p. 230-253.

LIBANORI, Guilherme Andolfatto. **Melhores políticas para melhores vidas**: um estudo crítico das concepções que embasam o *Programme For International Student Assessment* (PISA) no período 1997-2012. 159 f. Tese (Programa em Educação) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos (CECH/UFSCAR), São Carlos, 2015.

LUZ, Marcelo Giovannetti Ferreira. O discurso: estrutura o acontecimento. In: **Linguasagem**, 17.ª ed. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/res_luz.php>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MASCIA, M. A. A. Subject in Education for the 21st century: a discursive analysis of the impacts of PISA (Programme for the International Student Assessment) in Brazil. POPKEWITZ, T.; FAN, G. (Orgs.) **Educational Policy Studies**. Springer and Shanghai Educational Press (no prelo).

MARIA CLARA VIEIRA. Disponível em: <http://mariaclaravieira.wixsite.com/vieiramariaclara>. Acesso em: 02 dez. 2016.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 8.ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MORAES, Denis de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia**: a contribuição teórica de Gramsci. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298>. Acesso em: 05 out. 2016a.

_____. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. 5ª ed. São Paulo: Record, 2010. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2001/diciembre/cul_056.htm>. Acesso em: 05 out. 2016b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 6.ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PERBONI, Edilene Mizael de Carvalho. **Os sujeitos das políticas de avaliação sistêmica da alfabetização em Minas Gerais**: uma analítica à luz da governamentalidade. 187 p. [Tese] Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade São Francisco, Itatiba, 2015.

POPKEWITZ, Thomas (2011). PISA: Numbers, standardizing conduct, and the alchemy of school subjects. In: M. A. Pereyra, H.-H. Kottoff, & R. Cowen (Eds.). **PISA under examination**: Changing knowledge, changing tests, and changing schools (pp. 31–46). Rotterdam: Sense Publishers.

PUBLIABRIL. **Veja**: revista impressa. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja/plataformas/revista-impressa>. Acesso em: 14 mar. 2017a.

_____. **Tabelas**: revista impressa. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/precos?platform_id=revista-impressa>. Acesso em: 14 mar. 2017b.

RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RENAUD, Everton. **Saber é poder**. 23/08/2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/saber-e-poder/>. Acesso em: 31 mar. 2017.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

REVISTA VEJA. **Fora do Jogo.** Ed. 2479. 25/05/2016. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2479?page=94&section=1&word=PISA>. Acesso em: 26 out. 2016.

_____. **Está faltando fôlego**. Ed. 2351. 11/12/2013. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2351?page=180&section=1&word=PISA>. Acesso em: 28 out. 2016.

RICARDO FILHO, Geraldo Sabino. **A boa escola no discurso da mídia:** um exame das representações na revista *Veja* (1995-2001). São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10.ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SENADO FEDERAL. **Manual de Comunicação da Secom**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao>. Acesso em: 31 mar. 2016.

THE INTERCEPT. **Staff**: Helena Borges. Disponível em: <https://theintercept.com/staff/helena-borges-brasil/>. Acesso em: 29 dez. 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3.ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – CATALOGAÇÃO DE REPORTAGENS DA REVISTA VEJA QUE CITAM O PISA, DESDE SUA PRIMEIRA CITAÇÃO

Data	Título	Tema central ou citação	Link
fev/2002	A (falsa) crise do vestibular	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1738?page=14&section=1&word=PISA
mar/2002	O Brasil lê mal	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1741?page=20&section=1&word=PISA
mai/2002	A hora da sala de aula	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1750?page=20&section=1&word=PISA
abr/2003	As lições de Porter	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1798?page=12&section=1&word=PISA
jun/2003	Lições do Futebol	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1807?page=22&section=1&word=PISA
out/2003	As três leis do império tupiniquim	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1825?page=20&section=1&word=PISA
out/2003	Estimulando a curiosidade	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1826?page=20&section=1&word=PISA
dez/2004	Ruim comparado com quem?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1883?page=22&section=1&word=PISA
mai/2005	A outra reforma universitária	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1904?page=20&section=1&word=PISA
dez/2005	Quando a sociedade quer...	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1936?page=22&section=1&word=PISA
abr/2006	Precisamos de uma crise	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1953?page=22&section=1&word=PISA
jul/2006	O brasileiro da Nokia	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1965?page=22&section=1&word=PISA

jul/2006	Falência da educação brasileira	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1966?page=105&section=1&word=PISA
nov/2006	Entre o azul e o vemelho	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1980?page=74&section=1&word=PISA
jan/2007	Autópsia de um fiasco	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/1990?page=16&section=1&word=PISA
abr/2007	Entre a Finlândia e o Piauí	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2002?page=24&section=1&word=PISA
nov/2007	Preocupe-se. Seu filho é mal educado	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2033?page=110&section=1&word=PISA
fev/2008	A melhor escola do mundo	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2048?page=66&section=1&word=PISA
mai/2008	Iguais, jamais	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2062A?page=18&searching=true&section=1&word=PISA
jul/2008	De pais e professores	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32412?page=120&section=1
ago/2008	Medir para avançar rápido	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32408?page=16&section=1
out/2008	Os professores e a regra de três	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2083?page=24&section=1&word=PISA
fev/2009	Falência educacional: complô ou lógica	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2100?page=112&section=1&word=PISA
abr/2009	Vai mudar tudo, menos o mérito	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2108?page=76&section=1&word=PISA
jul/2009	Os meninos-lobo	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2120?page=24&section=1&word=PISA
set/2009	A chave para a faculdade	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2131?page=78&section=1&word=PISA
set/2009	A arte de governar	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2132?page=26&section=1&word=PISA
out/2009	Academia de ginástica (mental)	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2136?page=26&section=1&word=PISA
fev/2010	Sucesso tem fórmula	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2153?page=22&section=1&word=PISA

jun/2010	Aula de ética é em casa, não na escola	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2171?page=120&section=1&word=PISA
ago/2010	Ainda não somos ricos	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2176?page=14&section=1&word=PISA
set/2010	Uma meta para o próximo presidente: todo aluno sai da escola alfabetizado	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2181?page=120&section=1&word=PISA
out/2010	O que faltou discutir	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2185?page=88&section=1&word=PISA
nov/2010	Como melhorar a educação brasileira - Parte 1	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2190?page=88&section=1&word=PISA
dez/2010	Aumentaram os gastos, mas a qualidade...	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2197?page=268&section=1&word=PISA
jan/2011	Dez desafios na economia	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2198?page=76&section=1&word=PISA
jan/2011	O que a Coreia e a China têm (e nós não)	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2200?page=20&section=1&word=PISA
jan/2011	Claro enigma	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2201?page=122&section=1&word=PISA
fev/2011	O Sputnik chinês e a educação	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2203?page=24&section=1&word=PISA
mar/2011	Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2208?page=106&section=1&word=PISA
abr/2011	Mãe chinesa ou mãe judia?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2211?page=26&section=1&word=PISA
mai/2011	O que o Brasil quer ser quando crescer?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2216?page=119&section=1&word=PISA
mai/2011	Preconceito contra a educação	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2218?page=14&section=1&word=PISA
jun/2011	A ascensão da China	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2221?page=22&section=1&word=PISA
jul/2011	Precisamos de educação diferente de acordo com a classe social	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2225?page=112&section=1&word=PISA
set/2011	Você acha que as escolas particulares brasileiras são	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2234?page=96&section=1&

	boas?		word=PISA
out/2011	A revolta dos bons alunos	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2237?page=107&section=1&word=PISA
dez/2011	Armas de educação em massa	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2248?page=129&section=1&word=PISA
jan/2012	O que podemos copiar da educação chinesa?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2250?page=78&section=1&word=PISA
jan/2012	Onde comprar estantes de livros?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2251?page=20&section=1&word=PISA
set/2012	E a conta não fechou	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2287?page=100&section=1&word=PISA
jan/2013	Soluções existem. Basta usá-las	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2303?page=68&section=1&word=PISA
out/2013	Seu valor é determinado por seu salário?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2343?page=99&section=1&word=PISA
dez/2013	Está faltando fôlego *	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2351?page=180&section=1&word=PISA
dez/2013	A cara do Brasil	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2353?page=58&section=1&word=PISA
jan/2014	Por que não falar a verdade, Ministro?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2356?page=76&section=1&word=PISA
jan/2014	Sociedade em estado bruto	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2360?page=51&section=1&word=PISA
mar/2014	Na Venezuela pode, Dilma?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search/2809?term=PISA
abr/2014	Um dia no pais n. 1 em honestidade... e no n. 72.	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2367?page=72&section=1&word=PISA
jun/2014	Educação: receita para não recuar	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2379?page=22&section=1&word=PISA
nov/2014	O mapa do tesouro	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2399?page=92&section=1&word=PISA
nov/2014	A nau avariada	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2400?page=24&section=1&word=PISA

dez/2014	Perspectivas 2015	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2405?page=110&section=1&word=PISA
jan/2015	Vá pra China, Cid	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2410?page=84&section=1&word=PISA
jan/2015	A receita do retrocesso	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2411?page=66&section=1&word=PISA
mai/2015	O pior ensino médio do mundo?	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2424?page=18&section=1&word=PISA
mai/2015	Números	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2426?page=38&section=1&word=PISA
set/2015	A torcida delira	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2441?page=76&searching=true&section=1&word=PISA
out/2015	A grande heresia do simples	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2448?page=24&section=1&word=PISA
dez/2015	Riqueza na ponta do lápis	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2456?page=115&section=1&word=PISA
jan/2016	Era para melhorar, mas só piora	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2462?page=56&section=1&word=PISA
mai/2016	Fora do Jogo *	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2479?page=94&section=1&word=PISA
jun/2016	A ilusão digital	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2482?page=16&section=1&word=PISA
jul/2016	Professor ganha mal?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2488?page=28&section=1&word=PISA
nov/2016	Onde erram os professores?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2504?page=32&section=1&word=PISA
dez/2016	Temos muito a aprender	Tema central	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2508?page=103&section=1&word=PISA
jun/2017	Aprenderemos com os coreanos?	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2533?page=88&section=1&word=PISA
jul/2017	Essa turma só pensa naquilo	Citação	https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2539?page=90&section=1&word=PISA

* Reportagens selecionadas para análise discursiva na presente pesquisa.

ANEXOS

ANEXO 1 – CARACTERÍSTICAS DA AVALIAÇÃO DO PISA 2015

	Internacional	Brasil
Participantes	Em 2015, fizeram parte do PISA os 35 países da OCDE: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Letônia, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Suécia, Suíça e Turquia. Além disso, 35 países/economias parceiras, incluindo o Brasil, participaram. São eles: Albânia, Argélia, Argentina, Bulgária, Catar, Cazaquistão, Cingapura, Colômbia, Costa Rica, Croácia, Emirados Árabes Unidos, Geórgia, Hong Kong, Indonésia, Jordânia, Kosovo, Líbano, Lituânia, Macau, Macedônia, Malásia, Malta, Moldávia, Montenegro, Peru, República Dominicana, Romênia, Rússia, Tailândia, Taipei, Trinidad e Tobago, Tunísia, Uruguai e Vietnã. Para essa análise excluiu-se a municipalidade de Beijing e as províncias de Jiangsu e Guangdong da China, cujos resultados serão reportados conjuntamente a Shangai no relatório internacional.	As 27 unidades da Federação participaram do PISA 2015.
Número de estudantes participantes	Entre 5.000 e 10.000 por país/economia parceira, com algumas exceções, como Brasil, Itália e Espanha, que contam com uma amostra maior de escolas e estudantes para produzir resultados mais confiáveis para grupos da população específicos.	23.141 estudantes participaram da avaliação, para produzir resultados mais confiáveis por unidade da Federação.
Áreas avaliadas	• Domínio principal: ciências • Domínio secundário: leitura e matemática	As mesmas
Tipo de aplicação	Papel e computador. 15 países/economias fizeram a prova em papel (Albânia, Argélia, Argentina, Cazaquistão, Geórgia, Indonésia, Jordânia, Kosovo, Líbano, Macedônia, Malta, Moldávia, Romênia, Trinidad e Tobago e Vietnã); os outros 55 fizeram a prova computadorizada.	Pela primeira vez, a aplicação do PISA no Brasil foi totalmente computadorizada.
Língua em que o teste foi administrado	52 línguas, excetuando nessa análise as variantes de cada uma. A língua portuguesa, por exemplo, foi a língua de teste para Brasil, Portugal e Macau no PISA 2015. Contudo, sabe-se que há diferenças expressivas entre vocábulos e termos com relação a esses três países.	Língua portuguesa
Avaliação	• Avaliação de ciências, leitura, matemática e resolução colaborativa de problemas – 2 horas • Questionário contextual para os estudantes – 35 minutos • Questionário contextual da escola para os diretores 45 minutos	A mesma
Opções internacionais	• Questionário opcional sobre familiaridade com tecnologias da informação para os estudantes – 10 minutos • Questionário opcional sobre a carreira educacional dos estudantes – 10 minutos • Questionário opcional para os pais – 30 minutos • Questionário opcional para os professores – 30 minutos • Avaliação de letramento financeiro – 60 minutos	Questionário opcional sobre familiaridade com tecnologias da informação para os estudantes – 10 minutos Questionário opcional para os professores – 30 minutos Avaliação de letramento financeiro – 60 minutos

	Internacional	Brasil
Codificação das respostas dos itens abertos	Aproximadamente um terço dos itens de cada um dos domínios de ciências, leitura e matemática requeriam uma resposta aberta, as quais necessitaram de codificação por especialistas. Guias padronizados de codificação foram desenvolvidos pelo consórcio internacional do PISA e revisados pelos centros nacionais dos países participantes. Os guias foram originalmente elaborados em inglês e francês e traduzidos pelos países onde outras línguas são faladas, sob supervisão do consórcio. Os codificadores foram selecionados por país, conforme o perfil exigido por área de conhecimento. Treinamento internacional foi fornecido pelo consórcio a representantes dos países participantes, os quais, por sua vez, treinaram as equipes nacionais. Durante o processo de codificação, estudos de confiabilidade foram conduzidos diariamente por meio de sistema padronizado desenvolvido pelo consórcio, de modo a assegurar que os codificadores aplicassem consistentemente os mesmos critérios de codificação das respostas em todos os países.	Vinte codificadores de ciências, doze de leitura, seis de matemática e seis de letramento financeiro foram selecionados, com base em critérios estabelecidos pelo consórcio internacional e pelo INEP. Todos tinham formação na área, experiência mínima de dois anos no Ensino Médio e experiência em correção de provas de concurso ou avaliação em larga escala. Os treinamentos foram conduzidos pela equipe pedagógica do INEP, depois de passar por treinamento internacional. A equipe pedagógica também acompanhou o processo durante aproximadamente 20 dias de trabalho de codificação, contribuindo na solução de dúvidas e discrepâncias. A logística de codificação foi fornecida pelo consórcio e apoiada pela equipe da empresa aplicadora no Brasil.
Instituições que coordenaram, produziram e/ou aplicaram os instrumentos	Um conjunto de instituições internacionais trabalha, em conjunto com a OCDE, para a execução do PISA. Em 2015, destacaram-se: Educational Testing Service – ETS (Estados Unidos) – *http://www.ets.org* Líder do consórcio internacional, responsável pela supervisão geral do projeto, desenvolvimento da plataforma computadorizada de aplicação dos testes, análise e delineamento psicométrico dos testes. Pearson (Reino Unido) – *http://www.pearson.com* Responsável pelo desenvolvimento das matrizes de referências. Westat (Estados Unidos) – *http://www.westat.com* Responsável pelo planejamento, delineamento e controle das amostras dos países participantes. Linguistic Quality Control – cApStAn (Bélgica) – *http://www.capstan.be* Responsável pelo controle de qualidade das traduções dos materiais de prova, guias de correção, formulários e manuais de aplicação nas mais de 40 línguas associadas à avaliação. Deutsches Institut für Internationale Pädagogische Forschung – DIPF (Alemanha) – *http://www.dipf.de/de/willkommen-im-dipf* Responsável pelo desenvolvimento dos questionários.	O INEP é o responsável por todo o planejamento e execução e, em 2015, contou com a empresa Consulplan, contratada por licitação para a aplicação do teste.

Fonte: INEP, 2016.